***BOLETÍM UISG*** ***NÚMERO 173, 2020***

***APRESENTAÇÃO*** ***2***

***MULHERES COMPASSIVAS,***
***ENVOLVIDAS PELO SOFRIMENTO DE TODA A CRIAÇÃO*** ***4***
*P. Mauro-Giuseppe Lepori, OCist.*

***A PANDEMIA, UM KAIRÓS PARA FOMENTAR A SINODALIDADE***
***COMO FORMA DE IMPLEMENTAR A LAUDATE SI'*** ***15***
*Ir. Nathalie Becquart, Xavière*

***COVID 19. RE-IMAGINAR O FUTURO.*** ***21***
***A ESPIRITUALIDADE E O CARISMA AJUDAM A VIDA RELIGIOSA***
***A SER MAIS GERADORA NESTE TEMPO.***
*Ir. Teresa Gil, STJ*

***OS SALMOS, CAMINHO PARA A PLENITUDE*** ***28***
***DA NOSSA HUMANIDADE***
*Ir. Marie Laetitia Youchtchenko, OP*

***O DOCUMENTO SOBRE A FRATERNIDADE HUMANA*** ***38***
***E AS SUAS IMPLICAÇÕES PARA A VIDA RELIGIOSA***
*S. E. Miguel Ángel Card. Ayuso Guixot, MCCJ*

***BURNOUT E A CONSTRUÇÃO DE RESILIÊNCIA***
***NA VIDA RELIGIOSA*** ***44***
*Ir. Maryanne Loughry, RSM*

***VIDA NA UISG*** ***51***

***PESSOAL DA UISG*** ***56***

# APRESENTAÇÃO

O Boletim nº 173 encerra o ano 2020, um ano particularmente difícil e dramático para o mundo inteiro, afetado pela pandemia do Covid 19.

As imagens e palavras do Papa Francisco, pronunciadas na Bênção Urbi et Orbi, em 27 de março de 202,0 na Basílica de São Pedro, ainda ressoam no coração. Em frente de uma praça vazia e encharcada de chuva, comentando a passagem do Evangelho de Marcos sobre a tempestade acalmada (Mc 4,35-41), o Papa disse:

*"Encontramo-nos temerosos e perdidos. Tal como os discípulos do Evangelho, fomos surpreendidos por uma tempestade inesperada e furiosa. Percebemos que estávamos no mesmo barco, todos frágeis e desorientados, mas ao mesmo tempo importantes e necessários, todos chamados a remar juntos, todos com necessidade de se reconfortarem uns aos outros. Neste barco... todos nós estamos. Tal como aqueles discípulos, que falam a uma só voz e angustiados dizem: "Estamos perdidos" (v. 38), assim também nós nos demos conta que não podemos avançar sozinhos, mas juntos."*

O medo inicial, porém, não nos paralisou. A vida consagrada, longe de permanecer impotente, depressa, animada pelo espírito de solidariedade, compaixão, fraternidade universal, tornou-se ainda mais próxima dos últimos que a pandemia deixou mais fragilizados. Daí o esforço de reunir iniciativas pessoais e comunitárias para enfrentar a emergência e para encontrar formas concretas de estar perto da humanidade sofredora.

**P. Mauro-Giuseppe Lepori, OCist**
***Mulheres compassivas, envolvidas pelo sofrimento de toda a criação***
Meditar sobre a nossa relação com o mundo, com a criação, com a humanidade, à luz do tema da compaixão, acredito que seja como nos colocar no centro da questão, tomando consciência que esse centro é um coração. Isso pode parecer sentimentalismo. Mas, na realidade, quanto mais o mundo avança em sua corrida desorientada, mais percebemos que o verdadeiro problema da humanidade, da Igreja e da vida consagrada, não é apenas ou principalmente o de ter perdido a direção do caminho, mas ter perdido o centro, o coração que deve animar a caminhada.

**Ir. Nathalie Becquart, *Xavière***
***A pandemia, um kairós para fomentar a sinodalidade como forma de implementar a Laudate Si***
Esta pandemia global e a crise sanitária funcionam como uma revelação dos nossos males, disfunções, luzes e boas práticas. Ela destaca particularmente as desigualdades e injustiças, mas também as iniciativas de solidariedade e cuidado com os mais fracos. Desta vez é também um "Kairós", uma oportunidade de parar e avaliar para escolher um futuro melhor e construir um mundo melhor. Ao tentar ler juntas os sinais dos tempos em meio a esse contexto desconhecido, ouvimos ainda mais alto o grito dos pobres, o grito dos oprimidos, o grito daqueles que pedem fôlego.

**Ir. Teresa Gil, STJ**
***Re-imaginar o futuro.***
***A espiritualidade e o carisma ajudam a vida religiosa a ser mais geradora neste tempo.***
A espiritualidade ou é geradora ou não é. Toda espiritualidade, nesse sentido, é uma fonte de vida e cuidado. Quando falamos de "generatividade" ou "criatividade" ou "inovação", para onde apontam nossos desejos? Parece-me que isso tem a ver com gerar uma nova maneira de nos situar, assumir um novo estilo de vida que cuida da terra e dos irmãos e, finalmente, uma vida a serviço do nosso mundo a partir da missão carismática recebida.

**Ir. Marie Laetitia Youchtchenko, OP**
***Os Salmos, caminho para a plenitude da nossa humanidade***
Os salmos são um diálogo incessante entre Deus e a humanidade: o salmista manifesta suas tristezas e suas alegrias, suas dúvidas e sua confiança, sua angústia e sua salvação... E Deus desafia seu povo, convida-o a ouvi-lo, ser guiado, ser amado, porque ele quer sua felicidade. Um diálogo incessante, uma busca mútua, que prolonga o «Adão, onde você está?» do Gênesis e de onde é o questionamento de toda a vida humana: «De onde eu venho? Para onde eu vou? Qual o significado disso tudo?»

**S.E. Miguel Ángel Card. Ayuso Guixot, MCCJ**
***O Documento sobre a Fraternidade Humana e as suas implicações para avida religiosa***
A vida consagrada tem diante de si o caminho da fraternidade para caminhar num mundo dividido pelo ódio, pela guerra, pela injustiça e pela opressão. É, pois, necessário viver e dar testemunho da comunhão na diversidade, da possibilidade de diálogo multicultural e da possibilidade de diálogo e paz entre os povos, as raças e as culturas. Na experiência da fraternidade experimentamos o Deus Trinitário, a comunhão na diversidade.

**Ir. Maryanne Loughry, RSM**
***Burnout e a construção de resiliência na vida religiosa***
As mudanças que experimentamos em nossas comunidades, trabalhos e Igreja podem ser perturbadoras e, em alguns casos, estressantes, elas também podem criar oportunidades para algumas pessoas; nossas respostas não são universais. Para muitos, a rapidez da mudança e da incerteza tem sido avassaladora e angustiante. Na vida religiosa, quando confrontada com Irmãs angustiadas, não é fácil sempre identificar as causas da angústia e ainda mais difícil como melhor ajudá-las. Nosso uso de termos e rótulos psicológicos pode criar mais problemas.

# MULHERES COMPASSIVAS, ENVOLVIDAS PELO SOFRIMENTO DE TODA A CRIAÇÃO

P. Mauro-Giuseppe Lepori, OCist

*Padre Mauro-Giuseppe Lepori foi eleito Abade Geral da Ordem Cisterciense em 2 de setembro de 2010. Nascido em Lugano (Ticino, Suíça), Padre Mauro-Giuseppe se formou em filosofia (1982) e teologia (1990) na Universidade de Freiburg (Suíça). Desde 2005, ele é membro do Conselho da Abadia Geral e do Sínodo da Ordem. Tornou-se conhecido com a publicação de numerosos livros e artigos, traduzidos para várias línguas, com suas conferências e a pregação de retiros espirituais.*

*(Esta conferência, em sua forma integral, foi apresentada na Jornada de Estudos das Superioras e Conselheiras da Constelação Belga, Heverlee-Leuven, 29 de fevereiro de 2020)*

*Original em italiano*

Gostaria de contribuir com a reflexão sobre a conversão ecológica, à qual o Papa Francisco nos interpela na encíclica *Laudato Sì,* e sobre como acolher o apelo à conversão na vida religiosa feminina, concentrando minha meditação no tema da *compaixão,* em sua natureza revelada em Cristo, em sua qualidade feminina, que também deve interpelar aos homens, e como a contemplação deste mistério deve levar-nos a tornar-nos fermento no mundo de hoje.

## No coração da compaixão

Meditar sobre a nossa relação com o mundo, com a criação, com a humanidade, à luz do tema da compaixão, acredito que seja como nos colocar no centro da questão, tomando consciência que esse centro é um coração. Isso pode parecer sentimentalismo. Mas, na realidade, quanto mais o mundo avança em sua corrida desorientada, mais percebemos que o verdadeiro problema da humanidade, da Igreja e da vida consagrada, não é apenas ou principalmente o de ter perdido a direção do caminho, mas ter perdido o centro, o coração que deve animar a caminhada.

Deus manteve os israelitas por quarenta anos no deserto para educá-los não apenas a olhar para o objetivo de sua caminhada, mas também para o centro que os acompanhava em direção à meta, dando sentido a cada um de seus passos ou paradas.

Quem é esse Deus que está no meio do povo a caminho de sua terra, de sua casa, quem é ele? Ele se apresentou desde o início como um *Deus de compaixão*, um Deus movido pela compaixão e que conduz à compaixão:

"Eu vi a miséria do meu povo no Egito e ouvi seu clamor por causa de seus opressores; de fato, conheço seus sofrimentos. Desci para libertá-lo das mãos do Egito e tirá-lo deste país para conduzi-los a um país bonito e espaçoso, para um país onde jorra leite e mel (...). Então agora, o grito dos israelitas chegou até mim e eu mesmo vi a opressão com que os egípcios os atormentam. Agora vá! Eu envio você ao faraó. Faça sair do Egito o meu povo, os israelitas!" (Êx 3,7-10)

## "Conheço os sofrimentos dele. Eu desci".

Conhecimento, no sentido bíblico do termo, não é mera informação, mas uma participação amorosa. Deus é tocado pelo que vê, pelo que conhece. É um conhecimento do amor que une aquele que conhece com aquilo que conhece, como quando um homem e uma mulher se unem no amor conjugal. Aqui, Deus revela a dimensão muito profunda de sua compaixão, que será totalmente revelada em Cristo crucificado. A partir dessa revelação a Moisés na sarça ardente, Deus manifesta sua compaixão em ação, que significa "sofrer com", estar próximo do sofrimento do outro, oferecer àqueles que sofrem sua presença, sua proximidade, o que Jesus encarnará e descreverá na parábola do bom Samaritano que se faz próximo e se aproxima do homem ferido pelos bandidos: "Mas um Samaritano, que passava por ali, chegou perto, viu e teve compaixão. Aproximou-se dele e fez curativos, derramando óleo e vinho nas feridas; depois, colocou o homem no seu jumento, levou-o a uma pensão, onde cuidou dele" (Lc 10, 33-34).

A compaixão envolve uma "descida": "Conheço os seus sofrimentos. Desci para libertá-los "(Êx 3: 7-8). É assim que devemos entender a infinita e inconcebível "descida" do Filho de Deus até encarnação, paixão e morte: "Embora ele tivesse a condição divina, não se apegou a sua igualdade com Deus; mas esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo e tornando-se semelhante aos homens; apresentando-se como simples homem, humilhou-se tornando-se obediente até a morte e a morte de cruz! " (Fil 2,6-8).

Nunca devemos interpretar a humildade de Cristo, separando-a de sua compaixão, uma compaixão que ele compartilha com o Pai.

Quando ele grita seu sentimento insuportável de ser abandonado pelo Pai - "Meu Deus, meu Deus, por que você me abandonou?" (Mt 27,46; Sl 21,2) – poder-se-ia dizer que Jesus, para não trair a compaixão do Pai pela humanidade, aceita renunciar ao consolo da comunhão com Ele. É como se o amor eterno e indissolúvel que ele compartilha com o Pai, passasse a se concentrar apenas na compaixão pelo mundo, como se a compaixão fosse o último fio indestrutível que resta para uni-lo ao Pai, quando todos os outros fios da corda se romperam sob o peso do pecado do mundo que o Filho crucificado carrega por nós.

A compaixão de Cristo, também para nós, representa o núcleo indestrutível do amor que deve ou deveria nos unir a Deus e a nossos irmãos e irmãs, sem se importar com o que possa acontecer.

## Aprender a compaixão

Deus, que é amor, revelou-se através da compaixão. Ele se revelou como compaixão. A imagem de Deus em nós, à qual e para a qual somos criados, deve ser encontrada através de um caminho de conformação à compaixão de Cristo. Esta é a ascese cristã fundamental, porque, como eu dizia, é assim que somos divinizados. A perfeição do Pai, que Cristo nos dá como meta para o caminho de nossa vida, coincide com a sua misericórdia: "Portanto, sejam perfeitos como é perfeito o Pai de vocês que está no céu." (Mt 5,48) - "Sejam misericordiosos, como também o Pai de vocês é misericordioso" (Lc 6,36). Pode-se também traduzir como: "Sejam compassivos como o Pai de vocês é compassivo".

A compaixão de Cristo se insere no coração do drama humano, que é o drama de uma liberdade chamada ao amor, à vida, à alegria, mas que pode escolher, como Judas, o ódio, a mentira, a morte, o desespero. Mas a compaixão de Cristo se expressa em favor dos irmãos e irmãs "delinquentes" que somos nós, a favor da humanidade perdida e extraviada, que também se tornou um caminho de retorno, de conversão: que permite encontrar o caminho perdido, o lugar perdido, a casa do Pai. No final do capítulo 27, São Bento usa, uma única vez em sua Regra, o verbo "compadecer-se", pedindo ao abade que imite o bom pastor do Evangelho, Cristo, que "teve tanta compaixão [*tantum compassus est*] da fraqueza [da ovelha perdida] que se dignou a carregá-la em seus ombros sagrados e, assim, trazê-la de volta ao rebanho" (RB 27, 9).

Trata-se, portanto, de viver a compaixão de Cristo como um caminho, como uma via que nos salva e salva a humanidade de sua perda. Isso se aplica não apenas aos "irmãos delinquentes" em relação aos quais a compaixão de Cristo deve ser manifestada, mas também àqueles e àquelas a quem Cristo chama para incorporar sua compaixão pelo mundo. É a grande lei da misericórdia, do amor compassivo a que Deus nos chama, mostrando-o, oferecendo-nos a experiência. O Evangelho, assim como o Antigo Testamento, é claro no fato de que é tendo misericórdia que a pessoa recebe misericórdia: "Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles encontrarão misericórdia!" (Mt 5,7). A compaixão de Cristo é o caminho da salvação para quem a recebe e para quem a exerce. Somos salvos pelo amor misericordioso e no amor misericordioso: não importa de que lado desta chama nos encontramos, porque, por si só, existe somente o amor e tudo acontece por amor.

Cristo nos pede insistentemente que, deixando-nos amar por sua compaixão, nos tornemos os instrumentos para nossos irmãos e irmãs em humanidade. Se o Deus impassível veio, se ele desceu à nossa humanidade para compadecer-se, é evidente que esta "caminhada", essa "descida", nós também devemos vivê-la, em primeiro lugar, seguindo a Jesus, o Bom Pastor.

## Da cabeça do homem ao coração da mulher

É aqui que, na minha opinião, o papel da mulher se torna essencial, e é importante que todos tomemos consciência dele, homens e mulheres, também para entender melhor o Evangelho da compaixão e, portanto, da salvação, e para poder anunciá-lo, transmiti-lo ao mundo e a toda a criação.

Durante a Última Ceia, Jesus quis anunciar sua compaixão de uma forma muito simples e doce, como se fosse mostrar que mesmo o aspecto trágico da compaixão do Crucificado não deve nos fazer esquecer que a compaixão de Deus é a de um pai que ama como uma mãe.

Jesus mostra seu amor "até o fim" (Jo13,1), até a extrema compaixão da Cruz, lavando os pés de seus discípulos. Aqui também é uma descida, um abaixamento físico e espiritual. É um gesto de compaixão, cuidar do que no outro é mais baixo, mais sujo, do que é mais humano, mais realista na criatura humana. Não é uma humilhação unidirecional, apenas da parte de quem lava os pés do outro: aquele que se deixa lavar os pés também deve descer, ser humilde para se deixar conhecer, tocar e compartilhar sua miséria. De fato, Jesus quer que essa compaixão seja mútua, para que seus discípulos se lavem "uns aos outros" (Jo 3,14).

Há um mistério, um paradoxo nessa reciprocidade de compaixão, nessa descida de um para o outro. Como se fosse uma descida contínua que requer um ajuste contínuo na direção para baixo. Como criar uma circulação de compaixão entre os seres humanos que reflita, no abismo da nossa miséria, o abismo da caridade que ocorre entre as Três Pessoas da Trindade...

Mas o que quero enfatizar nesta cena que, para São João, tem um caráter eucarístico, que ilustra o dom total do Corpo e Sangue de Cristo, é que Jesus aprendeu esse gesto de compaixão humana das mulheres, pela forma como elas praticavam a compaixão com ele, da pecadora perdoada à Maria de Betânia (cf. Lc 7, 37-38; Jo 12, 34).

Jesus tenta ensinar esse gesto feminino a seus discípulos masculinos, como ele próprio o aprendeu.

Nunca foi fácil para Jesus ensinar aos apóstolos sua compaixão pela humanidade. Sempre que Jesus a expressava para a multidão, para os pobres e os pequenos, seus discípulos do sexo masculino achavam muito difícil entender, aceitar e praticar a compaixão. Eles sempre calculavam o "custo" da compaixão de Cristo, como Judas calculou em três segundos o preço do perfume que Maria de Betânia derramou nos pés do Senhor (cf. Jo 12, 4-5). Pensemos também na observação feita por Filipe, quando Jesus o provocou, salientando que a multidão precisava de pão: "Duzentos denários de pão não são suficientes para que todos recebam um pedaço" (Jo 6, 7).

Toda vez que seus discípulos começam a calcular, o resultado é que eles dizem que são a priori incapazes de corresponder à compaixão de Jesus. E então

tentam ignorá-la, distrair Jesus daquele sentimento imprudente e perigoso. Eles também pensam que as crianças atrapalham a pessoa e a missão do Mestre. Esses homens sempre opunham a sua visão razoável da realidade ao fato de que Cristo veio compadecer-se conosco sem medida, sem limites, sem fronteiras, sem cálculos.

Há então um conflito, uma guerra de atrito entre o coração compassivo de Jesus e a cabeça racional dos discípulos. Conflito que talvez atinja seu clímax e seu ponto de ruptura quando Simão Pedro quer impedir a Paixão de Cristo: "Desde então, Jesus começou a dizer abertamente a seus discípulos que ele tinha que ir a Jerusalém e sofrer muito com os anciãos, os sumos sacerdotes e escribas, e seria morto e ressuscitaria no terceiro dia. Mas Pedro o chamou de lado e começou a protestar dizendo: "Deus o livre, Senhor; isso nunca vai acontecer com você." Mas, voltando-se, ele disse a Pedro: "Afaste-se de mim, Satanás! Você é uma pedra de tropeço para mim, porque não pensa as coisas de Deus, mas as coisas dos homens!" (Mt 16,21-23).

Se pensarmos que toda a Paixão de Cristo é uma com-paixão com a humanidade desanimada, entenderemos o quanto a resistência dos discípulos à terna compaixão do Senhor foi um total mal-entendido de seu vínculo com ele, sua missão e da missão deles. Eles falsificaram todo o significado do evento cristão. Seus "pensamentos", que eles elaboraram de acordo com seus critérios, sua medida, seu fechamento sobre si mesmos, sua autorreferência, seu medo, eram realmente uma corrente "satânica", oposta à do amor compassivo que animava toda a missão do Filho de Deus encarnado.

Toda vez que seus discípulos se opõem a esse "pensamento", à compaixão de Jesus, ele os envia de volta a uma conversão, a uma *metanoia,* que significa mudança de opinião, de pensamentos, de julgamento. Uma mudança que é uma passagem pascal dos pensamentos da cabeça para os pensamentos do coração, para os pensamentos de compaixão. É uma questão de conversão dos pensamentos calculados em pensamentos compassivos, de modo que, entre nosso coração e o sofrimento do outro, não exista mais uma distância medida, mas uma proximidade de comunhão. O pensamento calculista mantém uma distância que pode ser uma separação definitiva, sem a possibilidade de proximidade com o outro. O pensamento compassivo é o do bom Samaritano que não calcula como os outros dois que passam diante dele, mas se deixa determinar pela compaixão que o leva a viver uma comunhão imediata com o sofrimento do ferido. A medida da compaixão é, portanto, determinada pela indigência do outro, pelo sofrimento que não pode ser medido sem abraçá-lo, sem cuidar dele e fazer uma caminhada assumindo-o como próprio.

## A conversão verdadeira

Entendemos, portanto, que a verdadeira conversão, a qual Jesus acompanhou seus discípulos com paciência, mas também com decisão, é essencialmente a de passar de uma distância abstrata para uma compaixão real. A conversão deve

basicamente romper as separações, os muros que construímos entre nós e nosso próximo, entre nós e nosso irmão ou irmã em humanidade.

Jesus, ele mesmo, se faz cancelamento da distância, se faz Páscoa, Cordeiro imolado para destruir os muros da separação. Como? Com sua compaixão que o leva a se identificar com aqueles com os quais ele se compadece. Ele sofre tanto com seu irmão sofredor, e também com seu irmão pecador e perdido, que se torna um com ele. A compaixão de Cristo é comunhão total. Não é um sentimento: é uma presença, a sua presença, a descida de Deus compassivo naqueles que padecem.

Esse foi o ponto crucial na conversão de São Paulo, no encontro com Cristo sofredor com seus discípulos perseguidos. Todas as ideias e raciocínios perfeitos de Saulo entram em colapso diante da realidade de uma compaixão que é a presença de Deus exatamente onde Saulo ataca em nome de Deus: «Caindo no chão, ele ouviu uma voz que dizia: "Saulo, Saulo, por que você me persegue?". Ele respondeu: "Quem é você, Senhor?" E a voz: "Eu sou Jesus, a quem você está perseguindo!" (Atos 9, 4-5).

No fundo, o choque que marcou Saulo ao longo de sua vida foi a descoberta de que seu Deus era um Deus totalmente identificado com sua compaixão. Por essa razão, a conversão de Paulo levará à adesão total de sua pessoa ao sofrimento de Cristo, a uma total com-paixão com a Paixão do Senhor: "Fui crucificado com Cristo e não sou mais eu quem vive, mas Cristo vive em mim. Esta vida na carne, eu a vivo na fé do Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim. Portanto, eu não anulo a graça de Deus; de fato, se a justificação vem da lei, Cristo morreu em vão" (Gál 2,20-21).

O que nos justifica, o que nos salva, é a adesão à compaixão redentora de Cristo. Jesus sofreu conosco para que pudéssemos ser salvos, compadecendo-nos com ele. Afinal, graças ao mistério pascal, podemos viver de forma inversa a parábola da encarnação de Deus: Deus, como disse São Bernardo, não podia sofrer, mas podia se compadecer. Nós realmente não sabíamos como ser compassivos, mas podíamos sofrer. A compaixão de Cristo provoca o encontro e a comunicação entre essas duas condições, a divina e a humana, e, portanto, o Deus, que em sua compaixão foi capaz de sofrer, permite que, em nosso sofrimento, possamos nos compadecer.

Para acolher a salvação, Deus não nos pede tanto para entrar em sua paixão, mas em sua compaixão. Não é tanto o sofrimento que nos salva, mas o amor de compaixão que nos pede para compartilhar com ele e, portanto, com todos.

## A Compaixão é Cristo

Paulo, como todos os santos, entendeu e viveu uma verdade chocante que abalou acima de tudo toda a religiosidade e moralidade farisaica: a compaixão de Deus não é apenas uma atitude que requer que imitemos; *a compaixão é o próprio Deus conosco,* compaixão é o Emanuel, é a presença de Deus no fundo de nossa humanidade. Para sermos compassivos, devemos não apenas fazer como Deus,

mas recebê-lo, deixá-lo entrar em nossa vida e, acima de tudo, deixar nossa vida entrar na vida dele, unir-se a ele. *A compaixão coincide com Cristo presente*. Não é apenas um sentimento, mas uma presença.

São Bernardo, em um sermão na véspera de Natal, usa outra expressão brilhante para descrever o evento cristão: *"Venire voluit qui potuit subvenire* - Quer vir Aquele que poderia contentar-se em ajudar-nos" *(III Sermão da Vigília de Natal).*

A compaixão de Deus é precisamente esse "vir" ao invés de se contentar em nos ajudar. Ele não veio em socorro ao nosso sofrimento de longe, mas veio sofrer conosco, veio até ao nosso sofrimento, até à nossa morte, ao nosso próprio sofrimento e nossa própria morte como consequências do nosso pecado, da nossa rebelião contra Deus. Todas as feridas que o homem inflige ao Filho de Deus crucificado tornam-se imediatamente fontes de salvação. Como escreve São Pedro: "Ele carregou nossos pecados em seu corpo no lenho da cruz, para que, não vivendo mais pelo pecado, vivêssemos pela justiça; pelas suas feridas vocês foram curados" (1 Pd 2,24).

Depois da morte e ressurreição do Senhor, os apóstolos vivem pela consciência de que a compaixão que salva coincide com a presença de Cristo e que sua compaixão só pode ser eficaz se manifestar e transmitir a compaixão de Cristo presente, a compaixão em ação de Deus-conosco, a presença de Cristo no sofrimento dos homens. «Pedro disse-lhe:" Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, caminha!"» (Atos 3,6).

O mistério da cruz é o cumprimento desse mistério. Quando Jesus diz: "Tenho sede!", Ele recebe vinagre para beber, e é nesse momento que ele diz: "Tudo está consumado!" e entrega o espírito (cf. Jo 19, 28-30).

O vinagre é o símbolo do vinho da alegria humana, do casamento que é desnaturado, que se tornou um sofrimento amargo. Jesus bebe este cálice até a última gota. *O cálice da* ***comunhão*** *é para ele o cálice da* ***compaixão*** *até o fundo da* Paixão. Já não pode haver compaixão por todo sofrimento humano que não seja o do Crucificado. A compaixão como sentimento, todos podem sentir, provar e até agir em conformidade, mas a *compaixão como um acontecimento*, a compaixão personificada só existe em Cristo. Ontologicamente, o amor existe apenas em Deus, é personificada só em Deus; do mesmo modo, a compaixão só pode existir na pessoa de Cristo crucificado por nós, que sofre o nosso sofrimento, que morre da nossa morte.

Quando o homem se compadece do homem, no fundo nada mais é do que compartilhar um sofrimento que já é comum, que é o nosso sofrimento, mesmo que o outro, naquele momento, sofra cada vez mais inocentemente do que eu. Basta pensar no sofrimento das crianças. Um adulto saudável, diante do sofrimento de uma criança, se não é completamente obtuso e insensível, não pode viver sua compaixão sem um sentimento de culpa, porque entende que o sofrimento do inocente é seu sofrimento, aquele pelo qual, de um modo ou outro, ele é

responsável. Somente a compaixão de Cristo é absolutamente inocente, absolutamente gratuita. Ele se solidariza com um sofrimento que não é dele, o que nem seria possível se a liberdade de Deus não o escolhesse, se a liberdade de Deus não fosse puro amor.

## A alegria e compaixão das mulheres

Regozijar-se com a vinda do outro é a alegria da mulher, a alegria da maternidade: "A mulher, quando dá à luz, está aflita, porque chegou a sua hora; mas quando deu à luz ao filho, ela não se lembra mais da aflição por causa da alegria de ter trazido ao mundo um homem. Assim também vocês, agora, estão tristes; mas eu os verei novamente e o seu coração se alegrará e ninguém poderá tirar sua alegria" (Jo 16, 21-22).

É como se, no momento de entrar em sua paixão, no momento de mostrar sua compaixão até o fim, Jesus anunciasse a seus discípulos que eles precisariam de um coração de mulher, de um coração de mãe, para acolher plenamente o mistério da Redenção. Ele não anuncia esta alegria de mulher, de esposa e de mãe, como uma exigência, mas como o reflexo de sua Ressurreição neles, como uma graça da qual farão a experiência, uma graça, uma alegria que lhes será dada com o Ressuscitado. É pura coincidência que as primeiras pessoas a verem o Ressuscitado, a se alegrarem com isso, tenham sido mulheres?

Os Evangelhos e também a Bíblia toda estão perpassados por essa alegria das mulheres que dizem de todo o coração: "Bem-aventurado aquele que vem!": Bem-aventurada a presença do outro, o presente do outro que vem compartilhar minha vida, meu coração, minha dor e minha tristeza para transformá-los em alegria plena!

É com essa predisposição para se alegrar com a chegada do outro que a mulher entende por primeiro o mistério da compaixão. As mulheres do Evangelho acolhem a compaixão de Cristo entrando nela e compartilhando dela. Elas sabem instintivamente de que é disso que o homem precisa.

A mulher, acima de tudo, sabe *passar pela compaixão*. O parto é precisamente um momento em que a mãe e a criança compadecem, compartilham o sofrimento, para alcançar a alegria da vida e do encontro, a alegria da comunhão.

A primeira aparição de Maria no Evangelho de João, nas bodas de Caná, ilustra muito bem essa atitude (cf. Jo 2, 1-11). A compaixão de Maria está principalmente em sua atenção feminina à situação. Maria parece ser a única a notar a falta de vinho neste casamento. E ela não reage, como costumam fazer os apóstolos que, diante das dificuldades dos outros, pediam a Jesus que os mandasse embora, para que pudessem se arrumar sozinhos, sem perturbá-los (cf. Mt 14,15). Maria vê o constrangimento e se sente responsável por ele, se encarrega dele e cuida dele. Isso é tipicamente feminino. Mas, ao mesmo tempo, ela sabe que não é ela quem tem os meios para resolver esse desconforto. Maria sabe que pode se compadecer, mas que, para consolar realmente, sua compaixão deve passar pela compaixão do

Filho. Então a Virgem inaugura o meio fundamental que o ser humano tem para acolher a compaixão de Cristo: aquele de pedir compaixão.

*A oração é a atitude em que a compaixão impotente que sentimos diante do sofrimento do homem e da criação permite que Deus expresse sua onipotente compaixão.* No casamento de Caná, poder-se-ia dizer que a compaixão de Maria gera e provoca a compaixão de Cristo: "O que existe entre nós, Mulher? Minha hora ainda não chegou" (João 2,4). Na realidade, Jesus simplesmente indica para sua mãe que a compaixão que ela pede e acolhe não é apenas um compadecimento por uma situação de prova passageira e basicamente banal, mas a compaixão universal de Deus por todos os sofrimentos humanos, que irá até o fim na Cruz, na Hora pascal da redenção.

Observamos que em Caná, como no Calvário (cf. Jo 19, 26), Jesus se volta para sua mãe com o título de "mulher", como se quisesse expressar sua convicção de que o grande papel e missão das mulheres são justamente abrir o mundo à hora da Páscoa da compaixão de Cristo, que vem responder de maneira superabundante à insuficiência de alegria e amor da humanidade e de toda a criação.

## Oração que abre uma fonte de compaixão

Para mim, um dos pensamentos mais profundos e belos sobre compaixão e sobre oração é o que Isaque, o Sírio, expressa no XXX de seus *Discursos ascéticos:* "Proteja quem caiu (...). Dê-lhe coragem. E a piedade do seu Mestre lhe carregue. Ajude os corações fracos e aflitos com sua palavra. Se sua mão der em abundância, a mão direita d'Aquele que abraça o universo o sustentará. Na dor da oração e na atenção do seu coração, junte-se aos corações aflitos, e se abrirá, diante do que você pede, uma fonte de compaixão."

Basear a compaixão na oração significa cultivar a consciência de que a necessidade real de todo homem é a necessidade de Deus, de sua proximidade, de seu amor. Em qualquer dificuldade, essa é a base do sofrimento, mesmo quando sofre por uma doença ou qualquer outro motivo. Não devemos perder de vista isso, caso contrário não seremos capazes de nos compadecer, compartilhando a verdadeira esperança. Existem males que não desaparecem. Há tribulações, sofrimentos, doenças, danos no homem e na natureza que são humanos e naturalmente irreparáveis. Mas a fé nos dá a certeza de que, no centro de todo sofrimento e angústia, a percepção da presença amorosa de Deus é um consolo mais forte do que qualquer tentação de desespero.

Quando rezamos, quando cultivamos a consciência da presença e do amor de Deus, realmente trabalhamos na consolação do mundo, vivemos uma compaixão que atinge o mais profundo do mal-estar humano

Sem isso, hoje corremos o risco de perder um *kairos*, de uma maneira muito especial na vida consagrada, e talvez acima de tudo na vida consagrada feminina. Estamos diminuindo, estamos ficando cada vez mais fracos, estamos com falta de ar, especialmente em comparação com os grandes sofrimentos e perdas do mundo.

Muitos reagem e se tornam ativos, principalmente os jovens, e é excelente, é preciso fazê-lo, é urgente fazê-lo! Mas há um nível de problema em que todo empenho humano se mostra ineficaz, onde o homem não pode fazer nada, isto é, onde nada do que o homem faz pode ser a fonte da solução do problema.

Jesus interrompeu essa afirmação, que sempre tem um sabor amargo do pecado original. Ele nos diz: "Sem mim vocês não podem fazer nada" (Jo 15,5).

Essa palavra é uma lâmina afiada que se coloca claramente entre a vida e a morte, entre a fertilidade e a esterilidade, entre o significado e a falta de sentido de nossa vida e de nossa vocação. "Sem mim... nada!"; o que significa: "Comigo... tudo!".

## A morte pela vida

É evidente que vivemos na Igreja, na vida consagrada e no mundo inteiro, uma era de grande impotência. Uma grande impotência também em relação às consequências de nossos erros, às atitudes inadequadas experimentadas no passado ou à negligência na formação. Quanto mais os meios humanos se tornaram poderosos, mais o homem parece ter se tornado impotente para dominá-los; em nível humano, espiritual, moral ou no uso indevido da criação. E quanto mais os problemas aumentam, mais a fragilidade de nossas forças aumenta. Não podemos mais deixar de admitir nossa fraqueza e nossa impotência. Na política, na economia, ainda estão sendo feitas tentativas de se tranquilizar com falsas promessas de poder, com perspectivas ilusórias de segurança. Nunca aprendemos que o erro é justamente buscar segurança num poder que estaria em nossas mãos apenas arrancando-o das mãos dos outros. Ou então nos deixamos levar pelo conformismo, por uma apatia que deixa as coisas e a humanidade à deriva. Muitas pessoas ou comunidades se deixam levar pela morte, com conformismo, com resignação.

Há uma morte pela morte e uma morte pela vida. O que faz a diferença? Vamos ouvir a Cristo: "Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo caído no chão não morre, permanece sozinho; mas, se morrer, produz muito fruto" (Jo 12,24).

Paradoxalmente, o que faz a diferença entre uma morte estéril e uma morte fecunda é a própria morte, o próprio fato de aceitar a morte como condição da vida. É a morte que permite que o grão de trigo dê muitos frutos, o fruto da vida. Jesus veio para nos dar uma nova vida, dando-nos uma morte nova, uma nova maneira de viver a morte. E sob a palavra "morte" podemos entender tudo o que atormenta e mortifica nossa vida e a vida do mundo. Tudo o que aparentemente ou realmente nos faz passar pela morte, em Cristo pode se tornar fonte de uma nova vida, de uma vida que o grão do trigo que morre não vê, que visto de fora parece um sonho, uma ilusão impossível de ser vivida, de se tornar realidade, mas, que na realidade, tudo está presente no grão de trigo. Em um único grão de trigo, existem todas as plantas e espigas que seguirão sua morte até o fim do mundo. Para nós, fé, amor e esperança são a vida sem fim que somos dados a experimentar por toda morte que aceitamos viver pela fecundidade do Reino.

Esta lei da vida e da fecundidade, que é a lei da fecundidade da compaixão de Cristo até a morte, é o segredo da fecundidade de tudo o que somos e fazemos pela vida do mundo e da criação. Não que a lei do grão de trigo seja uma alternativa ao compromisso, mesmo ativo, até militante, para o bem da humanidade. Pelo contrário, deve penetrar tudo o que fazemos e tudo o que não podemos fazer, porque a lei do grão de trigo é a condição de toda fecundidade, da fecundidade da força como da fraqueza, do grande número como do pequeno, da juventude como da velhice, da vida como da morte.

Mas ter essa consciência e viver com essa consciência é nossa tarefa específica como cristãos na humanidade e homens e mulheres religiosos entre cristãos, na Igreja. Somente nós podemos, como os mártires do primeiro e de todos os séculos, manter ativo o fermento pascal dessa consciência e dessa experiência nas massas do mundo, anunciando que mesmo a morte, unida a Cristo, gera vida.

Se não somos testemunhas disso, nossa compaixão por toda a criação será estéril; nada mais será do que uma comiseração combinada com o desespero universal que não vê outro horizonte além da morte. Existem maneiras de se engajar em lutas sociais e ecológicas que, na verdade, apenas alimentam o desespero universal, recorrendo a ilusões gerais, e devemos estar cientes disso, porque, caso contrário, fracassaremos em nosso ministério profético de compaixão e de esperança, de compaixão pela esperança, à qual o Papa Francisco não cansa de nos interpelar e provocar.

Para viver isso de verdade, precisamos de tudo o que, em nosso carisma, nos une a Cristo como os ramos da videira: oração, vida fraterna em comunidade, obediência, castidade, pobreza, humildade, serviço aos pobres...

Somente vivendo tudo nessa perspectiva, torna-se possível viver nossas impotências e fraquezas com uma paz profunda e fecunda.

Nossa profecia consiste em transformar toda a impotência que sofremos em *impotência escolhida por Cristo*, em impotência unida a ele na fé, na consciência e na experiência que, se sem ele, nada podemos fazer (cf. Jo 15, 5), nossa união com ele permite que com ele possamos "fazer novas todas as coisas" (Ap 21,5).

A nossa profecia, aquela que pode verdadeira e alegremente se compadecer com o mundo inteiro e com todo o universo, é a dessa jovem e humilde mulher de Nazaré que, fortalecida apenas por sua união com Jesus, cantou o Magnificat da novidade do Reino já realizado.

# A PANDEMIA, UM KAIRÓS PARA FOMENTAR A SINODALIDADE COMO FORMA DE IMPLEMENTAR A LAUDATO SI'

Ir. Nathalie Becquart, Xavière

*Nathalie Becquart, xaveriana, Diretora do Serviço Nacional para a evangelização dos jovens e para as vocações.*
*(Service national pour l'évangélisation des jeunes et pour les vocations)*
*Conférence des évêques de France - 58 avenue de Breteuil - 75007 PARIS*
*nathalie.becquart@cef.fr - @SrNatB – FB : Nathalie Becquart*
*http://www.jeunes-vocations.catholique.fr - http://quelleestmavocation.com*

*Original em Ingles*

Esta pandemia global e a crise sanitária funcionam como uma revelação dos nossos males, disfunções, luzes e boas práticas. Ela destaca particularmente as desigualdades e injustiças, mas também as iniciativas de solidariedade e cuidado com os mais fracos. Desta vez é também um "Kairós", uma oportunidade de parar e avaliar para escolher um futuro melhor e construir um mundo melhor. Ao tentar ler juntas os sinais dos tempos em meio a esse contexto desconhecido, ouvimos ainda mais alto o grito dos pobres, o grito dos oprimidos, o grito daqueles que pedem fôlego. Não podemos mais negar a profundidade da nossa crise social e ecológica. Não podemos fechar os ouvidos para os impactos da crise econômica e política sobre tantas pessoas. Esta crise epocal sublinha como estamos no fim de um sistema que destrói a terra e gera "uma cultura de descarte". E é perceptível ver que o fechamento reforça essa consciência em todo o mundo.

Nós, ao mesmo tempo, estamos mais conscientes da nossa interdependência e conectividade. Assim, esta crise multidimensional está enfatizando o ensinamento do Papa Francisco que diz que *"tudo está interligado" (Laudato si', §70, 138, 240)* e ilustra que "estamos todos no mesmo barco", como nos lembrou Papa Francisco durante sua meditação *Urbi et orbi*. Percebemos que a única maneira de sair desta pandemia é um agir em conjunto, um agir em solidariedade.

Assim somos chamadas a estar na tripulação com outras pessoas para buscar juntas como navegar num mar tempestuoso com muitas correntes diferentes. Esta crise é um apelo a pensar e agir em colaboração para traçar o rumo a seguir e

implementar as manobras certas para mover o barco na direção certa. Como religiosas, sentimo-nos particularmente chamadas a um caminho de conversão que exige que avancemos, que nos lancemos para sermos profetizas e atender às necessidades atuais, escutando os gritos do nosso mundo quebrado. Nós nos sentimos interpeladas a fomentar a criatividade, a sinergia, a ousadia e a audácia através da promoção da reflexão e da ação intercongregacional.

Nós, através de nosso forte compromisso com a justiça, paz e integridade das questões da criação, já identificamos bons roteiros e GPS para navegar neste tempo inexplorado e preparar um futuro melhor e cheio de esperança. De fato, a Laudato Si e o Sínodo sobre o *Documento Final da Amazônia* com suas palavras-chave - aliança, conversão, ecologia integral, sinodalidade, missão e diálogo - junto com a encíclica *Querida Amazônia,* estruturada em quatro capítulos - 1/ Um sonho social 2/ um sonho cultural 3/ um sonho ecológico 4/ um sonho eclesial - nos dão orientações claras e interessantes que se mostram verdadeiramente proféticas diante desta crise. A encíclica expressa um forte apelo à mudança.

A Igreja, para cumprir sua missão, levando em conta nossos contextos e culturas contemporâneas para servir ao bem comum de nossa "casa comum", tem que encarnar o caminho da sinodalidade. Porque a sinodalidade, articulada com a ecologia integral, que inclui o desenvolvimento humano integral, é a eclesiologia necessária para hoje. É, portanto, uma notícia muito boa que o próximo sínodo dos bispos em 2022 será sobre a sinodalidade. Esta notícia, não é realmente uma surpresa, visto que no sínodo sobre os jovens, foi insistido muito sobre a sinodalidade. O tema do sínodo de 2022, "Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão", já nos dá as palavras-chave para a vida missionária. A vida religiosa, pela sua experiência de vida comunitária, discernimento comunitário e ministério tem provavelmente um papel importante a desempenhar para a transformação de uma igreja clerical em uma igreja sinodal.

Desde o início de seu pontificado, o Papa Francisco enfatizou esta visão de sinodalidade ao expressar uma forma de olhar para a Igreja que destaca a noção de "O Povo de Deus". Em um dos discursos mais importantes de seu pontificado - o discurso de comemoração dos 50 anos da instituição do sínodo dos bispos, 17 de outubro de 2015 - ele traçou e abraçou claramente o caminho da sinodalidade como aquele "esperado por Deus para a Igreja do terceiro milênio"[1]. Ele afirmou que a sinodalidade - "Caminhar juntos - leigos, pastores, o Bispo de Roma" - é "parte constitutiva da Igreja". Sua abordagem da sinodalidade está enraizada numa reavaliação da teologia do Povo de Deus a partir do Concílio Vaticano II - especialmente da *Lumen Gentium, capítulo 2* - influenciada pela teologia argentina de Povo que moldou seu ministério anterior como jesuíta e arcebispo de Buenos Aires. Ele sublinha particularmente o *sensus fidei* e a igual dignidade de todos os batizados chamados a serem discípulos missionários". A sinodalidade é um jeito de ser e de agir, promovendo a participação de todos os batizados e de pessoas de boa vontade. Significa "caminhar juntos", numa igreja peregrina, uma igreja em movimento, a igreja do povo de Deus, onde todos têm voz e participam ativamente,

independentemente de idade, sexo ou estado de vida.

Na visão do Papa Francisco, a sinodalidade também está ligada à noção de conversão pastoral da Igreja que ele adquiriu da conferência do CELAM, de Santo Domingo[2]. Ele articula esses dois elementos-chave do Povo de Deus / *Sensus Fidelium* e a conversão pastoral para compreender que, a única maneira da Igreja atender ao chamado de Deus e cumprir sua missão nesse mundo contemporâneo complexo e pluralista, é através de um caminho de reforma que requer o envolvimento de todos os fiéis. No coração da sinodalidade, o Papa Francisco coloca a escuta, a escuta mútua através da qual se faz a escuta do Espírito Santo: "Uma Igreja sinodal é uma Igreja de escuta, com a consciência de que escutar "é mais do que ouvir" [12]. É uma escuta recíproca, na qual todos têm algo a aprender. O povo fiel, o Colégio Episcopal, o Bispo de Roma, cada um escutando uns aos outros; e todos escutando o Espírito Santo, o "Espírito de Verdade" (Jo 14, 17), para saber o que ele diz às Igrejas (Ap 2, 7) ". Isto é parte do discurso de Francisco para a cerimônia de comemoração dos 50 anos da instituição do Sínodo dos Bispos, proferido em 17 de outubro de 2015.

Esta visão de sinodalidade apresenta a Igreja em sua dimensão histórica, em estado de nascimento permanente, em processo contínuo de reforma. Ou seja, é uma Igreja que leva as pessoas em conta, partindo de baixo para cima, numa abordagem generativa, a qual vê a Igreja nascer e recomeçar constantemente. Esta visão de uma Igreja em emergência, a partir e no meio do "povo da terra"[3], pode estar ligada ao conceito de eclesiogênese ou eclesiogenética. Tal visão nos permite perceber que a identidade da Igreja é uma identidade dinâmica, não estática. É uma identidade relacional de comunhão-missão, enraizada no mistério trinitário e no mistério eucarístico. Intrínseca a esta visão de sinodalidade encarnada, pela imagem da pirâmide invertida[4], está uma compreensão do próprio ministério hierárquico[5].

O Papa Francisco tem sido fundamental na transformação do conceito e processo do sínodo dos bispos, para promover e implementar esta visão de uma Igreja sinodal. Ele, promulgando uma nova constituição *Episcopalis Communio*[6]*,* duas semanas antes do Sínodo dos jovens, renovou profundamente o Sínodo dos Bispos, inserindo-o no âmbito da *sinodalidade,* como dimensão constitutiva da Igreja, em todos os níveis da sua existência. O Sínodo, em particular, é agora entendido como um processo e não mais como um acontecimento isolado. É considerado como um processo composto de três partes: a fase preparatória, na qual se realiza a consulta do Povo de Deus sobre os temas indicados pelo Pontífice Romano; a fase celebrativa, caracterizada pela reunião da assembleia dos Bispos; e a fase de execução, na qual as conclusões do Sínodo, uma vez aprovadas pelo Pontífice Romano, são aceitas pelas igrejas locais.

A visão de sinodalidade encarnada, pela imagem da pirâmide invertida,[7] "oferece-nos o quadro interpretativo mais apropriado para entender o próprio ministério hierárquico"[8]. A partir desta imagem podemos deduzir um estilo de liderança e uma maneira de exercer o poder.

Uma igreja sinodal é uma igreja relacional onde todo o Povo de Deus, onde sua vocação e posição estão numa relação de interdependência e mutualidade. O ministro não existe fora da comunidade. Ele não está separado do povo a quem ministra[9]. Quando damos prioridade à centralidade do apelo batismal, o sacerdócio comum de todos os batizados, não podemos mais separar o clero do laicato, típica atitude do padrão clerical. O ministro é aquele que representa a comunidade da qual ele faz parte. Todos juntos são chamados a ser uma comunhão em missão animada pelo Espírito Santo, uma comunidade missionária perspicaz. O papel principal do ministro é ajudar a realizar um discernimento comunitário e servir à unidade da comunidade, visando ao bem comum da sociedade. "O ministério não existe como poder ou realidade em si mesmo, mas somente integrado, conectado ao serviço pastoral".[10]

Assim, as decisões têm que ser tomadas através de processos sinodais que requerem escuta e envolvem todos os protagonistas e busca de consenso. Se não há sinodalidade sem primado, o ministro que é o líder toma a decisão final a partir de todo esse processo espiritual de escuta e discernimento que se encarna na importante noção de conspiração.[11] "Poderíamos considerar uma imagem desenvolvida pela primeira vez pelo Cardeal John Henry Newman, no século XIX: a *conspiratio fidelium et pastorum,* literalmente a "respiração conjunta dos fiéis e dos pastores". Ele se coloca como um com os membros da comunidade, entre os quais ele caminha junto, e é responsável perante o povo desta comunidade. A visão e a prática de uma igreja sinodal, em oposição a uma igreja clerical, são articuladas numa antropologia relacional e teologia do ministério.

Com isso em mente, podemos mudar nossas antigas imagens hierárquicas de poder impondo-se de cima para esboçá-lo como um processo que empodera e capacita. As antigas imagens hierárquicas de poder, como foram referidas no sínodo sobre os jovens, nos interpelam a endossar uma visão de poder no ministério como "força geradora (...) para liberar a liberdade".[12] Uma concepção pneumática de poder baseada na maneira de Jesus que veio para libertar a liberdade[13] (para libertar a pessoa), que está associada à noção de liderança como serviço.

Em conclusão, para acompanhar esta perspectiva de interligação entre a abordagem aberta pela *Laudato Si* e a eclesiologia da sinodalidade, temos que vislumbrar como a conversão ecológica, a conversão cultural, a conversão pastoral e a conversão sinodal se interrelacionam. Enquanto os seres humanos promoverem relações abusivas com a terra para explorá-la, eles terão tendência a desenvolver relações abusivas entre eles e vice-versa. A relação de respeito e reciprocidade entre homens e mulheres, entre pessoas de cores diferentes, entre clero e leigos, entre seres humanos e a terra caminham lado a lado. O caminho da sinodalidade é o caminho para implementar a Laudato Si, Justiça e Paz, igualdade e fraternidade para mudar o paradigma que destrói o nosso planeta e oprime tantas vítimas. O método subjacente à sinodalidade é o método do diálogo, da escuta e do discernimento em comum. Assim, as novas formas de se e de fazer juntos são as melhores práticas para encontrar e inspirar o caminho da sinodalidade, a fim de

acabar com toda forma de abusos na Igreja e na sociedade. Ser e fazer juntos, tendo por base a noção de cooperação, inteligência coletiva, deliberação comunitária, governança compartilhada e liderança circular. A vida religiosa não pode perder este encontro!

1 "O mundo em que vivemos, e que somos chamados a amar e servir, mesmo com suas contradições, exige que a Igreja fortaleça a cooperação em todas as áreas de sua missão. É precisamente este caminho de sinodalidade que Deus espera da Igreja do terceiro milênio". Francis, endereço da cerimônia de comemoração dos 50 anos da instituição do Sínodo dos Bispos, 17 de outubro de 2015

2 "A noção de conversão pastoral é proposta como um eixo orgânico e estrutural de toda a gênese e organização eclesial, afetando "tudo e todos" em relação aos estilos de vida (práxis pessoal e comunitária), exercícios de autoridade e poder (relações de igualdade e autoridade) e modelos eclesiais (estruturas e dinamismos)" SD 30

3 "Francisco adotou a eclesiologia do povo conciliar de Deus (Evangelii Gaudium 111, 114)". Esta Igreja, que 'está encarnada nos povos da terra, cada qual com sua cultura' (EG 115), deve sair para 'novos cenários socioculturais' (EG 30) e alcançar as 'periferias', as áreas remotas (EG 20)". Rafael Luciani, "The centrality of the People in Pope Francis` Socio-cultural theology" A

centralidade do povo na teologia sociocultural do Papa Francisco", Concilium 3 (2018) 58.

4 "§57. Assumindo a perspectiva eclesiológica do Vaticano II, o Papa Francisco esboça a imagem de uma Igreja sinodal como "uma pirâmide invertida" que compreende o Povo de Deus e o Colégio Episcopal, de quem um dos membros, o Sucessor de Pedro, tem um ministério específico de unidade. Aqui o cume está abaixo da base". Comissão Teológica Internacional, sinodalidade na vida e na missão da Igreja, março de 2018

5 "Esta imagem nos oferece o quadro interpretativo mais apropriado para entender o próprio ministério hierárquico" ibidem.

6 Francisco, Constituição Apostólica Episcopal Communio sobre o Sínodo dos Bispos, 15 de setembro de 2018 http://www.vatican.va/content/francesco/en/apost_constitutions/documents/papa-francesco_costituzione-ap_20180915_episcopalis-communio.html

6 "§**57**. Assumindo a perspectiva eclesiológica do Vaticano II, o Papa Francisco esboça a imagem de uma Igreja sinodal como "uma pirâmide invertida" que compreende o Povo de Deus e o Colégio Episcopal, de quem um dos membros, o Sucessor de Pedro, tem um ministério específico de unidade. Aqui o cume está abaixo da base". Comissão Teológica Internacional, sinodalidade na vida e na missão da Igreja, março de 2018

7 ibid

8 "Não deve haver distância ou separação entre a comunidade e seus Pastores - que são chamados a agir em nome do único Pastor - mas uma distinção entre tarefas na reciprocidade da comunhão". Ibid §69

9 Richard Gaillardetz, "As Fundações Eclesiológicas do Ministério dentro de uma Comunhão Ordenada", em Ordenando o Sacerdócio Batismal: Teologias do Ministério dos Leigos e Ordenados, ed. Susan Wood (Collegeville, MN: Liturgical Press, 2003), 38

10 Essa correlação promove essa singular conspiração entre os fiéis e seus Pastores[78], que é um ícone da eterna conspiração que se vive dentro da Trindade. A Igreja, portanto, "avança constantemente para a plenitude da verdade divina até que as palavras de Deus alcancem sua plena realização nela" Comissão teológica internacional, sinodalidade na vida e na missão da Igreja, março de 2018.

11 Segundo as expressões do §71 do Documento Final do Sínodo dos Bispos sobre a Juventude, "Para empreender um verdadeiro caminho de maturação, os jovens precisam de adultos com autoridade. Em seu significado etimológico, a auctoritas indica a capacidade de possibilitar o crescimento; não expressa a ideia de um poder diretivo, mas de uma verdadeira força geradora".

12 "No episódio da cura do epiléptico possuído (cf. Mc 9,14-29), que evoca tantas das formas de alienação vividas pelos jovens de hoje, parece claro que Jesus estende sua mão não para tirar a liberdade, mas para ativá-la, para libertá-la. Jesus exerce plenamente sua autoridade: nada mais quer do que o crescimento do jovem, sem traços de possessividade, manipulação ou sedução" ibidem.

# COVID 19. RE-IMAGINAR O FUTURO. A ESPIRITUALIDADE E O CARISMA AJUDAM A VIDA RELIGIOSA A SER MAIS GERADORA NESTE TEMPO.

Ir. Teresa Gil, STJ

*Teresa Gil Muñoz, é religiosa da Companhia de Santa Teresa de Jesus. É doutora em Teologia Espiritual e Teresiana e defendeu, na Pontifícia Universidade de Comillas, sua tese de doutorado sobre: "A noite escura de Teresa de Jesus. Abordagem fenomenológica, teológica e mistagógica".*

*Original em Espanhol*

## Introdução

Desde que me foi feito o convite para compartilhar algumas propostas para repensar o futuro, a partir das chaves da espiritualidade e do carisma, deixei ressoar tudo o que me vinha à mente como inspiração. Partilho da realidade concreta em que vivo, do que vem a mim e ressoa por dentro. Eu sintonizo com o que disse Teresa de Jesus, uma companheira nesta reflexão em todos os momentos, que "eu não direi nada que, em mim, ou por ver nos outros, eu não tenha experienciado"[1].

Como religiosa teresiana vivendo neste tempo concreto, numa comunidade específica, pode ser que eu "aproveite mais as pequenas coisas do que os letrados... que ignoram tais coisas que em si parecem nada ser"[2]. Essas pequenas coisas, na minha opinião, referem-se a uma teologia da experiência, da vida cotidiana, da realidade, do concreto. Afasta-se dos grandes discursos abstratos, teóricos e universais... É a linguagem da experiência!

Nesse sentido, minhas reflexões parecerão como uma conversa, partindo das perguntas que me foram propostas e tentando entrar em diálogo com as 'vozes' que eu percebo por trás dessas perguntas ou sugestões. Como qualquer conversa, não é uma reflexão terminada.

## 1. Como a espiritualidade pode ajudar a viver esse tempo como um momento gerador? (preparar/cuidar do terreno)

A espiritualidade ou é geradora ou não é. Toda espiritualidade, nesse sentido, é uma fonte de vida e cuidado. Quando falamos de "generatividade" ou "criatividade" ou "inovação", para onde apontam nossos desejos? Parece-me que isso tem a ver com gerar uma nova maneira de nos situar, assumir um novo estilo de vida que cuida da terra e dos irmãos e, finalmente, uma vida a serviço do nosso mundo a partir da missão carismática recebida.

Quando falo de espiritualidade, neste momento, desejo sublinhar a dimensão estritamente pessoal e, portanto, intransferível, não delegável. Refiro-me ao próprio desenvolvimento espiritual, entendendo, como tal, a conexão profunda num duplo movimento simultâneo: interior / profundidade e exterior / abertura / largura / altura.

Três imagens vêm-me à mente quando me refiro à espiritualidade assim compreendida:

- "porta de entrada". Diríamos que cultivar a espiritualidade não significa 'entrar' onde não estamos. Cultivar a espiritualidade nos ajuda a despertar e ampliar nossa consciência de quem somos e do que vivemos. Estar presente.
- "efeito borboleta". Essa imagem vem a mim em reação àquelas "vozes céticas" que, com frequência e demasiada facilidade, expressam: "enfim, o que podemos fazer? Eu não posso fazer nada". Esse pensamento tem um efeito imediato de desativar a tensão espiritual de crescimento que deveria caracterizar nossa vida. Pelo contrário, trata-se de viver com confiança e com a certeza de que cultivar a própria espiritualidade tem um efeito "insuspeitado" mais além do que eu percebo.
- "porto seguro". Imagem que expressa a solidez que a espiritualidade pode trazer no meio de um contexto cada vez mais, volátil, incerto, complexo e ambíguo, VUCA[3]. É sobre esse fundamento ou estrutura que se permite dar consistência a uma vida.

E o que pode nos ajudar neste momento a desenvolver nossa espiritualidade em todo o seu potencial? Sem dúvida, para mim, é a capacidade de lidar com as perguntas que nos surgem, sem pressa de "executá-las" (= dar respostas rápidas que de alguma forma "matam" a novidade, a vida que pode nascer).

Este tempo que estamos vivendo nos oferece a oportunidade de não nos rendermos o que, para mim, é a maior tentação: FUGIR das primeiras perguntas, que são questões de significado. Elas chegam até nós, se estivermos atentas, não precisamos fazer "artimanhas" para identificá-las. Trata-se de uma maneira de viver com abertura para deixar que elas cheguem a nós.

Isso, em oposição ao que eu identifico com o que seriam "perguntas de

importação", ou seja, aquelas que chegam até nós através" dos outros". Trata-se de nos colocar em silêncio e à escuta, também sem "artimanhas". E não nos assustarmos, fugir ou ter pressa de "dar uma interpretação tranquilizadora" ao que aparece ou não aparece. Trata-se de ESTAR AÍ.

Podemos inspirar-nos no seguinte poema de R.M. Rilke: "Amar as perguntas"

Seja paciente com tudo aquilo
que não foi resolvido em seu coração
e tenta amar as perguntas por si mesmas,
como se fossem salas fechadas
ou livros escritos numa língua estrangeira.
Não procure agora as respostas
que você não está preparada para viver,
pois a chave é viver tudo.
Viva as perguntas agora.
Talvez você os encontre gradualmente, sem perceber,
e um dia, distante, você chegue às respostas.

## 2. SUGESTÃO: Recriar a vida da oração pessoal e comunitária

Nossa maneira de rezar, pessoal e comunitariamente, deve estar em sintonia com o que foi expresso anteriormente. Com um modo de viver conectadas à vida a partir das perguntas que estão nos levando cada vez mais para um espaço mais profundo e aberto. Não são dois tempos distintos. O desenvolvimento de uma – a espiritualidade - implica na transformação da outra – a oração. E por esse motivo, precisamos seguir o caminho que vai da experiência da oração como "prática" até a experiência da oração como "dinamismo vital de uma história de amor e de amizade". A oração assim entendida é este espaço no qual " DEVE-SE ESTAR ATENTAS para ver A OBRA DO SENHOR na alma [e no mundo, acrescento] " (4M 3,4).

*Para nos tornar testemunhas dessa experiência: Deus se comunica conosco e nos ama:*

> Talvez Deus seja servido por ela, e ela seja capaz de lhe dar **alguma ideia do que Deus tem se servido para fazer às almas [**...];
>
> porque **será um grande consolo** para você, quando o Senhor os fizer, saber que é possível; e a quem não, para louvar sua grande bondade;
>
> que, assim como não nos causa dano considerar as coisas que existem no céu e o que os abençoados desfrutam, antes nos alegrarmos e tentarmos alcançar o que eles gozam, isso nos fará ver que
>
> **é possível nesse exílio um Deus tão grande** comunicar-se com uns vermes tão cheios de mau cheiro; **e amar uma bondade tão boa e uma misericórdia tão inestimável.**

Só podemos ser testemunhar dessa comunicação e amor de Deus de maneira eficaz e credível se tivermos experiência. Surge-me compartilhar uma chamada de atenção que neste momento me agrediu com força. Eu estava sentindo isso, quase sem perceber. E esse período de confinamento significou para mim uma "cristalização" desse sentimento. Cuidado com tantos "recursos enlatados", fixos, pré-fabricados! Eu acredito que, como vida religiosa, temos que mostrar em nosso modo de rezar com mais frescor, espontaneidade, vitalidade, simplicidade de oração expressa "com nossa própria voz". Todos nós gostamos de palavras bonitas, e elas podem inspirar e nutrir, mas a oração não pode ser "adiada" ou "delegada" a outras pessoas, nem "seguir um roteiro escrito por outras pessoas". Pelo menos, é importante garantir que haja um espaço adequado para expressão, a partilha, o silêncio. Nossa oração comunitária deve ser mais parecida com essas peças de teatro produzidas pela "improvisação" dos atores com base em uma palavra ou título que o público lhes oferece. Uma vez feita nossa a palavra inspiradora, vivemos esses tempos de oração a partir dessa conexão com nossa fonte de vida que é Deus. E, nesse sentido, deve brotar da verdade pessoal e comunitária, exatamente como é, sem que nos assustemos, sendo humildes. Como diria Teresa de Jesus: "Andemos na verdade diante de Deus e das pessoas de todas as maneiras que pudermos, especialmente não querendo que nos tenham por melhor do que somos, e em nossas obras dando a Deus o que é dele e a nós o que é nosso e procurando em tudo reconhecer a verdade" (6M 10,6).

A oração pessoal e comunitária RE-IMAGINADA exige que façamos uma "pergunta corajosa": quais modos de rezar - tanto pessoal quanto comunitariamente -, estruturas ou estilos, devemos reagir porque descobrimos que eles não nos dão mais vida? Refiro-me a uma questão de discernimento que vai para a raiz, não para a superfície. Há orações comunitárias, celebrações litúrgicas que "nos satisfazem" no momento; elas são esteticamente bonitas, com esses conteúdos teologicamente perfeitos e abertos... mas NÃO estão conectadas à nossa experiência concreta e real. Elas nos levam ao que poderíamos identificar como "uma pretensão da realidade" que se afasta da nossa verdade.

E requer também CONVERSAS ESPIRITUAIS, nas quais integramos discernimento sobre essas maneiras de rezar. Não me refiro a processos de discernimento longos e complicados. Refiro-me a perguntas simples e concretas: "Essa frase que acabamos de compartilhar nos ajuda?"; "O que essa maneira de celebrar diz sobre nós?" Ou seja, canalizar entre nós diálogos sobre aquelas perguntas corajosas às quais me referi.

E, finalmente, requer ATIVAR "FÉ VIVA". Para Teresa de Jesus, fé viva era fé vivida, experimentada, ativada na primeira pessoa. Ela se opõe à "fé morta", isto é, acreditando apenas no que vemos e apenas no "visível" diante de nossos sentidos. E também se opõe às outras formas de fé "em massa" que seria assumir as "verdades em que acreditamos porque a ouvimos e porque a doutrina da fé nos diz isso". Em relação à oração, ter "fé morta" seria deixar de acreditar que "Deus se comunica conosco". Ativar a fé requer, para nós hoje, "retornar a Jesus" como

"PORTA", como o evangelista João nos diz. Fazer de Jesus nosso interlocutor permanente, nossa companhia, nosso amigo verdadeiro, nosso livro vivo, nosso livro verdadeiro onde as verdades são vistas, são o 'espelho da alma'.

## 3. Como sonhar um amanhã diferente a partir da sua própria espiritualidade e carisma? (momento interpessoal)

A palavra "sonho" pode ser controversa. Para alguns, pode parecer evasão, ilusões impossíveis, falta de realidade. E apenas ouvir sobre "sonhos" gera descontentamento. Para outros, no entanto, o sonho evoca dinamismo, ambição, impulso e criatividade.

Mas se realmente ativamos nossa fé - por meio de uma espiritualidade fontal e de uma vida de oração renovada - não podemos duvidar desta palavra:

> "Depois derramarei meu espírito sobre todos os viventes: e os filhos e filhas de vocês se tornarão profetas; entre vocês os velhos terão sonhos e os jovens terão visões" (Joel 3,1).

Por outro lado, também quero trazer aqui uma advertência teresiana:

> "Às vezes o diabo nos propõe desejos grandiosos, para que não lancemos mão do que temos à mão para servir o nosso Senhor em coisas possíveis, e fiquemos contentes em ter desejado o impossível" (7M 4,14).

Sustentar a tensão em meio dessa polaridade entre o "sonho" e "o desejo pelo possível que temos em mãos" é fundamental. O erro é identificar o "sonho" com o que para Teresa são "grandes desejos impossíveis". Isso nos levaria a instalar-nos numa "pretensão da realidade", que está longe de ser a "própria realidade". Nossos fundadores e fundadoras podem nos inspirar muito nisso. Grandes sonhadores que sabiam como se conectar com o passo seguinte.

Mas então, do que é "feito" o SONHO que realmente transforma e traz novidade? Eu diria que o sonho tem que estar muito conectado com o que ouvimos das diferentes vozes que nos chegam:

- Da realidade (ambiente próximo, comunidade, realidade social, política, eclesial ...)
- De Deus (da Sua Palavra, do CARISMA RECEBIDO)
- De nós mesmos (oferecendo-nos como uma "caixa de ressonância" de tudo o que vem a nós...)

Acredito que o "sonho" também passa pela mediação da CONVERSAÇÃO FUNDADA NA "VERDADE" e "FECUNDADA NO SILÊNCIO" que o precede. A verdade da ressonância que ouço com toda a clareza e honestidade, que precisa de silêncio para ser ouvida e acolhida.

Por fim, o "sonho" é construído EM FAMÍLIA, em PROXIMIDADE (rostos, histórias, carne, experiência), física ou virtual, mas em qualquer caso, proximidade.

Provavelmente somos convidadas a criar novos fóruns de encontro e conversa para descobrirmos juntos - religiosos e leigos - a VIDA NOVA que somos convidadas a estender a partir do carisma. Fóruns nos quais podemos participar como um "espaço comum". Foi bonito ver como, nesse período, muitos dos encontros que vivemos no "espaço virtual" refletiram esse "espaço comum". Não se trata de nos reunirmos *na minha casa ou na sua*, mas naquele espaço comum, na horizontalidade absoluta. Este é um caminho.

**4. O que podemos aprender deste tempo para a nossa vida religiosa encarnada? (momento de assimilação)**

O tempo de "parar", junto com toda a sociedade, pode nos permitir um aprendizado importante ao longo da vida: precisamos parar, fazer silêncio, esperar, ouvir... e acolher nossa "realidade precária, mas verdadeira". Palpar a vulnerabilidade não é um limite para a ação de Deus. Para Deus, o que "amarra as mãos" é o nosso pecado, que é, basicamente, estar "fora de nós mesmos", ou seja, "fingindo ser quem não somos", "vivendo em casas de outras pessoas", diria Teresa de Jesus.

Se a "porta para entrar no castelo é a oração e a consideração", atrevo-me a propor que revitalizar nossa espiritualidade e oração a partir da busca da verdade de quem somos, assumindo nossa vulnerabilidade e precariedade, pode nos levar a esse espaço INÉDITO no qual o Espírito deseja e pode recriar a vida. Mas, atenção! Não creio que o inédito se identifique com o RE-IMAGINAR a superfície do que somos e vivemos, mas o significado, que logicamente, trará como consequência a transformação também de "modos, estruturas, formas...".

## 5. Recapitulação: sugestões para nutrir uma espiritualidade diferente. (momento expressivo)

Concluo essa reflexão recapitulando tudo o que é compartilhado, partindo da certeza de que CRIATIVIDADE é um processo ESPIRITUAL que envolve:

a. Um momento pessoal - preste atenção, ouvir, rezar

   *Ele me pede uma ATITUDE FUNDAMENTAL de vida na qual a FÉ VIVA é ativada.*

b. Um momento interpessoal - conversas "fundamentadas na verdade" e "fertilizadas no silêncio".

   *Ele nos pede para ressignificar o SUJEITO COMUNITÁRIO, a partir do critério da PROXIMIDADE: quem celebra, quem reza, quem é o Deus em quem acreditamos, que vínculo ou relacionamento temos com Ele e entre nós.*

c. Um momento de assimilação reflexiva – continuar fazendo silêncio, rezar, meditar.

   *Ele me pede para ouvir internamente o que é "aquele pouquinho que está em mim", esse "passo possível" e visualizar quem eu quero convidar, incentivar, acompanha " para que eles vivam o mesmo".*

d. Um momento expressivo - "fazemos o que fazemos, porque acreditamos no que acreditamos".

*Ele nos pede para comunicar, viver, servir, celebrar, testemunhar juntos, EM FAMÍLIA, com a "voz própria" que se conecta à nossa vocação carismática mais verdadeira.*

[1] Teresa de Jesus, *Caminho de Perfeição*, Prólogo 3.

[2] *Ib*.

[3] Do inglês: Volatilidade, Incerteza, Complexidade e Ambiguidade.

# OS SALMOS, CAMINHO PARA A PLENITUDE DA NOSSA HUMANIDADE

Ir. Marie Laetitia Youchtchenko, OP

*Membro da Congregação Romana de São Domingos desde 1987, Ir. Marie Laetitia Youchtchenko, OP, mora na Itália. Depois de muitos anos servindo adolescentes na educação, ela agora se dedica à pregação; ela também é tradutora-intérprete da UISG e da família dominicana.*

*Original em francês*

*"Face ao domínio sempre crescente dos seres humanos, do nascimento à morte, que sabedoria prevalecerá para que os humanos possam alcançar a sua humanidade em benevolência crítica e humilde para com os seus poderes? Com os pesquisadores que reclamam o estabelecimento de uma transumanidade, aumentando as potencialidades do homem de forma ilimitada até que o sonho da imortalidade seja despertado, em que conversas poderá ele empenhar-se?*[1]

Há algum tempo atrás, um artigo intitulado «Transumanismo, ou a tentação do homem perfeito»[2] chamou minha atenção. Ele mostrou como a moderna busca pela imortalidade arriscava de «elevar a um ídolo um homem perfeitamente saudável que vive numa espécie de bem-estar eterno». O uso agora difundido de nanociências e outras tecnologias avançadas no campo da saúde poderá permanecer a serviço da pessoa ou a conduzirá inexoravelmente à mente humana a «tomar o lugar de natureza para fazer melhor do que ela»? «Uma vez que Deus seja eliminado, [os seres humanos] poderão se salvar»?

Não sendo especialista em bioética, não gostaria de discutir aqui essas questões complexas. Mas, ao mesmo tempo, percebi que, no mundo religioso, multiplicavam-se os apelos por mais humanidade em nossas vidas. A sede de autenticidade de nossos contemporâneos nos leva a redescobrir uma qualidade de presença, uma consistência de testemunho, uma disponibilidade para a escuta e para encontrar-se. Somos convidadas a *ser* ao invés de *fazer,* e a esquecer o objetivo da eficiência a todo custo, para entrar na lógica da gratuidade de Deus; seguindo a Cristo, queremos nos entregar aos pequenos, àqueles a quem a sociedade procura excluir porque não são «perfeitos». Por outro lado, nosso

quotidiano comunitário nos lembra que estamos longe do ideal de «perfeição» nutrido durante o noviciado... apesar de nossos esforços, nossa boa vontade e nossa persistência na oração!

Mas então... é realmente a perfeição que queremos alcançar? É na perfeição que o ser humano encontra sua verdadeira felicidade? A perfeição é a resposta para os *infinitos desejos*[3] que se escondem no mais profundo de cada pessoa, quer ela a reconheça ou não?

Uma resposta negativa excessivamente apressada não é suficiente, pois que alternativa temos para oferecer? Para abordar a questão do irmão Bruno Cadoré, OP[4], com qual conversação devemos nos engajar com nossos contemporâneos na busca da sabedoria «a fim de que os humanos possam realizar sua humanidade numa benevolência crítica e humilde em relação a seus poderes?»

Talvez seja pelas palavras «em busca de uma sabedoria» que me surgiu a ideia de examinar os salmos, estas canções que por três mil anos constituem o coração da oração do povo de Deus, esses cantos onde toda a gama de sentimentos da pessoa humana é expressa, essas canções que acompanham a caminhada de todos os que estão em busca da verdade. Examinar os salmos, não para analisá-los, mas para nos deixar levar pela sabedoria deles; examinar os salmos, para aprofundar o que é comum a todos os seres humanos, além de suas culturas e crenças. Escritos na primeira pessoa (singular ou plural), os salmos não oferecem reflexão teológica ou considerações abstratas, mas são a expressão de uma experiência pessoal, de um encontro, de um maravilhar-se. O salmista é cada um de nós, mas ele também é o povo inteiro; o salmista é o israelita que conhece a lei e os profetas, e também é o cristão que lê o Evangelho à luz do Antigo Testamento; o salmista é a Virgem Maria, modelo daqueles que são habitados pela Palavra e que vivem na intimidade de Deus; o salmista é Jesus Cristo, que recapitula todas as coisas e, portanto, todas as orações, na terra e no céu.

## Um diálogo entre Deus e a humanidade

| | |
|---|---|
| *Para você eu levanto os meus olhos,*<br>*para você que habita no céu.* | Sl 123 (122), 1 |
| *No dia em que eu lhe invoco,*<br>*responda-me depressa!* | Sl 102 (101), 3 |
| *"Escuta, povo meu;*<br>*Oxalá você me ouvisse, Israel?"* | Sl 81 (80), 9 |

Os salmos são um diálogo incessante entre Deus e a humanidade: o salmista manifesta suas tristezas e suas alegrias, suas dúvidas e sua confiança, sua angústia e sua salvação... E Deus desafia seu povo, convida-o a ouvi-lo, ser guiado, ser amado, porque ele quer sua felicidade. Um diálogo incessante, uma busca mútua, que prolonga o «Adão, onde você está?» do Gênesis e de onde é o questionamento de toda a vida humana: «De onde eu venho? Para onde eu vou? Qual o significado disso tudo?»

Todo diálogo supõe uma relação, uma alteridade. Diferentemente de muitos de nossos contemporâneos, o salmista não está sozinho diante de seu questionamento: ele tem um interlocutor, um Outro, a quem ele sente que possui a resposta. Um Outro, a quem ele pode gritar, porque com certeza será ouvido; um Outro, a quem ele pode levantar os olhos, pois Ele é o Altíssimo.

## Um maravilhar-se

Um desenho animado humorístico que circula nas redes sociais mostra duas pessoas desiludidas conversando num bar; uma perguntou à outra: «Qual é o maior mal do nosso século: ignorância ou indiferença?» E a outra respondeu: «Eu não sei e não ligo».

O salmista, em sua contemplação de Deus, nos dá um antídoto para a ignorância e a indiferença: o maravilhar-se.

Maravilhar-se é sair de si mesmo para entrar numa surpreendente realidade de beleza. É cavar em si um espaço acolhedor para se deixar invadir por algo grandioso; colocar todos os seus sentidos em sintonia com uma mensagem de amor e verdade; receber um presente do qual não se sinta digno; esquecer-se de si mesmo para se lançar na contemplação. É se abrir para o mistério; meditar em silêncio ou, pelo contrário, cantar, soltar gritos de alegria, pois as palavras nunca são suficientes para expressar esse esplendor. Maravilhar-se supõe que alguém pare, que se afaste das atividades cotidianas, para entrar numa outra dimensão:

*«Rendei-vos e reconhecei: eu sou Deus.*
*Eu domino as nações, eu domino a terra.»* Sl 46 (45), 11

As razões do maravilhar-se do salmista são numerosas: a grandeza de Deus, que excede tudo o que se pode imaginar, suas teofanias, as riquezas de sua criação, a abundância de seu amor, a generosidade de seus benefícios, o poder da sua misericórdia...

*Medito suas obras todas,*
*e considero suas façanhas.*
*Ó Deus, o seu caminho é santo!*
*Que Deus é grande como o nosso Deus?*
*Você é o Deus que realiza maravilhas.* Sl 78 (77), 13-15

*Javé faz tudo o que deseja no céu e na terra,*
*nos mares e oceanos.* Sl 135 (134), 6

*Seus atos, Senhor, são minha alegria;*
*e as obras de suas mãos meu júbilo:*
*«Quão grandes são as suas obras, Senhor!*
*Quão profundos são seus pensamentos!»* Sl 92 (91), 5-6

*Você cuida da terra e a rega,*
*e sem medida a enriquece...*
*Coroa o ano com seus bens,*

*e suas trilhas gotejam fartura.* Sl 65 (64), 10.12

*Seu amor é maior que o céu,*
*sua fidelidade chega até as nuvens.* Sl 108 (107), 5

*Javé é compaixão e piedade,*
*lento para a cólera e cheio de amor.* Sl 103 (102), 8

*Feliz aquele cuja ofensa é absolvida,*
*cujo pecado é perdoado!* Sl 32 (31), 1

É maravilhando-se dessa maneira diante de seu Senhor que o salmista gradualmente se torna consciente do paradoxo de sua natureza humana. Porque se sua primeira reação é reconhecer sua pequenez, sua indignidade, sua finitude, ele rapidamente percebe que isso tem um preço aos olhos de seu criador. Ao descobrir-se objeto de amor ao Altíssimo, o salmista entende que sua grandeza reside nesse olhar de amor que o eleva, que confia nele, que o constitui cocriador, corresponsável. Antes da vastidão do universo, diante do Senhor, haveria apenas uma quantidade desprezível, até poeira, se Deus não se curvasse sobre ele com ternura infinita.

*Mostra-me o meu fim, Javé,*
*e qual é a medida dos meus dias,*
*para eu saber o quanto sou frágil.*
*Olha: os dias que me deu são um palmo apenas,*
*e a minha duração é um nada diante de você.*
*Sim, todo homem não passa de um vazio,*
*todo homem é apenas uma aparência.* Sl 39 (38), 5-7

*Do céu, o Senhor se inclina sobre os filhos de Adão...* Sl 14 (13), 2

*Quem é igual a Javé, nosso Deus? Que se eleva em seu trono.*
*e se abaixa para olhar pelo céu e pela terra.*
*Ele ergue da poeira os fracos.* Sl 113 (112), 5-7

*Javé, o que é o homem, para que você o conheça,*
*o filho de um mortal, para que o leve em conta?*
*O homem é como um sopro,*
*e seus dias como sombra que passa.* Sl144(143),3-4

*Quando contemplo o céu, obra de teus dedos,*
*a lua e as estrelas que você fixou,*
*o que é o homem para que você se lembre dele,?*
*O ser humano, para que o visite?*
*Você o fez pouco menos do que um deus,*
*coroando-o com glória e esplendor;*
*você o fez reinar sobre as obras de suas mãos,*
*e sob os pés dele tudo colocou.* Sl 8, 4-7

*Eu te agradeço por tão grande prodígio,*

*e me maravilho com as suas maravilhas!*
*Conhece até o fundo de minha alma,*
*e meus ossos não lhe eram escondidos.*
*Quando eu era formado, em segredo,*
*tecido na terra mais profunda.* Sl 139 (138), 14-15

O salmista descobre, assim, que ele não é um elemento entre outros na criação: ele é conhecido pessoalmente por Aquele que nada pode conter... Esse amor não é apenas uma fonte de admiração e contemplação, mas também se tornará o apoio que permitirá que os seres humanos passem pelas várias provações da vida.

## Um grito no sofrimento

De fato, existem muitos salmos que clamam a Deus: encontramos nela angústia, tristeza, solidão - seja em face de doenças, pecado, traição, perigo de inimigos, perseguição, medo da morte. , exílio ... O salmista não esconde suas lágrimas ou sua vulnerabilidade: ele expressa sua incompreensão, seu "por quê? " Ele invoca o Senhor, pede sua ajuda e pede perdão, mesmo quando parece estar atingindo um muro de silêncio, mesmo no vazio da ausência.

*Estou encurvado e encolhido,*
*e ando entristecido o dia todo.*
*Meus rins ardem de febre,*
*não há nada saudável em meu corpo.* Sl 38 (37), 7-8

*Laços de morte me cercavam,*
*eram redes mortais,*
*e eu caí na angústia e aflição.*
*Então, eu invoquei o nome de Javé:*
*"Javé, salva minha vida!"*
Sl 115 (114), 3-4

*As lágrimas são meu pão, noite e dia,...*
Sl 42 (41), 4

*Até o meu amigo, em quem eu confiava*
*e que comia do meu pão,*
*é o primeiro a me trair.* Sl 41 (40), 10

*Meu Deus, meu Deus,*
*por que você me abandonou?* Sl 22 (21), 2

*Desperta, Senhor! Por que dormes?*
*Acorda! Não nos rejeites mais!* Sl 44 (43), 24

Ao ler esses salmos de lamentação, fica claro que o salmista não está tentando negar o mal que o cerca. Ele não hesita em expressar sua fraqueza, sua pobreza,

sua incapacidade de avançar; ele tem a humildade de expor suas feridas em toda a nudez delas - ele sabe que é inútil fingir diante de Deus, e que sua oração será ouvida apenas se for verdade. Essas feridas se tornarão a porta através da qual o amor de Deus pode entrar nele e lhe trazer salvação.

O salmista, mesmo nas profundezas de sua angústia, nunca duvida por um momento da fidelidade de seu Senhor: esses salmos que clamam o sofrimento terminam todos com uma nota de confiança, porque tudo pode ser colocado nas mãos daquele que se inclina para a terra com cuidado.

*Mas você vê a fadiga e o sofrimento,*
*e observa para tomá-los na mão:*
*em você se abandona o indefeso.* Sl 9B, 14

Para dar apenas um exemplo, o Salmo 13 (12), cujos primeiros versos expressam total consternação:

*Por quanto tempo, Senhor, você me esquecerá, por quanto tempo, esconderá seu rosto de mim,* termina da seguinte forma: *Eu confio no seu amor; que meu coração tenha a alegria da sua salvação! Cantarei ao Senhor pelo bem que Ele fez por mim.*

A oração do salmista não é, portanto, uma fuga para um imaginário sem provações, o que lhe permitiria fugir da realidade insuportável: é um abandono confiante enraizado numa certeza, a do amor fiel de Deus - um Deus que não recuse sua graça àqueles que humildemente a pedem.

## Fidelidade

*Louvem a Javé, nações todas,*
*e o glorifiquem todos os povos!*
*Pois o seu amor por nós é firme,*
*e sua fidelidade é para sempre!* Sl 117 (116)

Todos os salmos, sejam históricos ou reais, de louvor ou de lamentação, cantam a fidelidade de Deus: fidelidade à sua aliança, ao seu povo, à promessa de felicidade feita a cada um de nós.

*Sim, Javé é bom: o seu amor é para sempre,*
*e sua fidelidade de geração em geração.* Sl 100 (99), 5

*Cantarei para sempre o amor de Javé,*
*anunciarei de geração em geração a sua fidelidade.*
*Pois eu disse: Seu amor é um edifício eterno.*
*Você firmou a sua fidelidade mais estável que os céus.* Sl 89 (88), 2-3

Deus é fiel porque ele é eterno, Deus é fiel porque seu amor é eterno. Deus É: sua fidelidade reflete sua imutabilidade, seu presente eterno, sua presença eterna - como dirá Paulo mais tarde, Deus não pode negar a si mesmo!

*Seu trono está firme desde a origem,*
*e desde sempre você existe ...*
*Seus testemunhos são firmes de fato,*
*a santidade é o adorno de sua casa,*
*por dias sem fim, ó Javé!.* Sl 93 (92), 2,5

Enquanto o salmista vive no tempo, ele tem um passado e um futuro. Seu raciocínio é simples: se olharmos para o passado, veremos que Deus sempre trabalhou a nosso favor. Porque Deus É, Ele é imutável e não depende das vicissitudes da história: podemos, portanto, confiar na certeza de que Ele ainda está trabalhando hoje, e que sempre estará. Ele simplesmente não pode abandonar seu povo. Essa lembrança do passado, fundamental para a fé e a confiança do salmista, é expressa na evocação das ações de Deus ao longo dos séculos, bem como no uso frequente dos verbos para lembrar e evocar.

*Lembro-me das proezas de Javé,*
*recordo suas maravilhas de outrora,*
*medito suas obras todas e considero suas façanhas.* Sl 77 (76), 12-13

*Javé, lembre-se de sua compaixão e do seu amor,*
*que existem desde sempre.* Sl 25 (24), 6

*Javé, lembre-se de mim,*
*por amor de seu povo, v*
*isite-me com a sua salvação.* Sl 106 (105), 4

Essa fidelidade de Deus também é revelada em sua misericórdia, constantemente renovada, constantemente reproposta. Como vimos, o salmista está ciente de sua fraqueza e pobreza; mas ele não tem medo de cair, porque sabe com todo o seu ser que será elevado.

*Confessei a você o meu pecado,*
*não lhe encobri o meu delito.*
*Eu disse: "Vou a Javé confessar a minha culpa!"*
*E você perdoou, o meu delito,*
*absolveu o meu pecado.* Sl 32 (31), 5

*Grita um abismo a outro abismo com o fragor de suas cascatas;*
*suas vagas todas e suas ondas passaram sobre mim.*
Sl 42 (41), 8

O abismo da nossa miséria chama o abismo da misericórdia, porque o amor de Deus é incondicional, completamente livre, que sempre nos precede e que nos quer em pé. A que distância estamos da lógica do nosso mundo contemporâneo, onde erro é sinônimo de fracasso, onde toda fraqueza é desprezada e onde o valor de uma pessoa reside em sua eficiência!

## A ação da graça

O salmista, então, naturalmente se pergunta como responder a esse amor. Fascinado por tanta magnanimidade, abundância, gratuidade, ele entende que nada

que ele possa oferecer será equivalente aos benefícios recebidos.

*Como posso retribuir ao Senhor todo o bem que Ele fez por mim?*
*Oferecerei o sacrifício de ação de graças,*
*invocarei o nome do Senhor.* Sl 116 (115), 12.17

*"Quem me oferece um sacrifício de confissão me glorifica;*
*e a quem segue o bom caminho,*
*eu mostrarei a salvação de Deus"* Sl 50 (49), 23

Durante seu diálogo com Deus, parece ao salmista que a ação de graças é o único sacrifício que O agrada - é simplesmente acolher o amor, com a humildade daqueles que esperam tudo do seu Criador. Mas é essencial notar que essa humildade não é a expressão de uma fraqueza, nem de uma submissão que destruiria toda a liberdade. Aqui o salmista se depara com uma escolha de vida: aceitar o amor, que significa seguir os caminhos que Deus lhe indicará, ou então decidir-se pelos caminhos a seguir, sem depender de ninguém. Escolher o caminho de Deus é escolher confiança, abandono e, portanto, dependência... Certamente existem dependências que são altamente prejudiciais à integridade da pessoa, mas escolher depender de alguém por amor - no sensação de amarrar o destino de alguém para caminhar juntos nos caminhos da vida - é o mais belo ato de liberdade que um ser humano pode fazer, é um ato que exige grande força interior e uma consciência muito clara de sua própria dignidade. Qualquer escolha de curso implica renúncias, mas renúncias assumidas livremente são todas provas de amor, que abrem horizontes inesperados. Ao decidir pela ação de graças, o salmista renuncia a se construir apenas. Seu olhar não está mais voltado para a busca de sua própria perfeição, mas para Deus que o conduz em seus caminhos.

*Ensina-me o seu caminho, Javé,*
*e caminharei segundo a tua verdade.*
*Conserva íntegro o meu coração no temor do seu nome.*
*Eu lhe agradeço de todo o coração, Senhor meu Deus,*
*vou dar gloria ao se nome para sempre.* Sl 86 (85), 11-12

## Plenitude

Esse ato de liberdade no qual toda a grandeza da natureza humana é revelada e onde a orientação de uma vida se desenrola não é única no tempo: confiando na fidelidade de seu Deus, o salmista também vai entrar na lógica da fidelidade, ou seja, ele renova constantemente seu dia de ação de graças e escolhe, dia após dia, por amor, segui-Lo em seus caminhos.

*Quanto a mim, como oliveira verdejante na casa de Deus,*
*é no amor de Deus que eu confio, para sempre e eternamente.*
*Vou celebrar-lhe para sempre, porque você agiu;*
*e diante de seus fieis vou proclamar o seu nome, porque ele é bom!*
Sl 52 (51), 10-11

Para se ter uma ideia, é como se o salmista abandonasse o círculo fechado de sua própria busca pela perfeição para descobrir um oceano, sempre oferecido, sempre mais profundo... a única condição para mergulhar no Mistério é re-escolher, a todo momento, amar e se deixar amar.

*Confie em Javé e pratique o bem, habite na terra e viva tranquilo.*
*Coloque em Javé o seu prazer, e ele dará o que seu coração deseja.*
*Entregue seu caminho a Javé, nele confie, e ele agirá.* Sl 37 (36), 3-5

Essa confiança não é, portanto, nem resignação nem um refúgio, mas, pelo contrário, uma decisão de assumir sua responsabilidade de pessoa chamada a viver a plenitude de sua humanidade, plenitude que é participação na vida de Deus. Porque esse Deus quer que ele *"viva em sua casa*", isto é, compartilhe sua intimidade, sua alegria, seus segredos, sua paz.

*Eu digo a Javé: "Você é meu Deus!*
*Não tenho outra felicidade além de você."*
*Você me ensina o caminho da vida,*
*cheio de alegria em sua presença,*
*e de delícias à sua direita, para sempre!*

Sl 16 (15), 2,11

*Javé é meu pastor. Nada me falta.*
*Sim, felicidade e amor me acompanham todos os dias da minha vida.*
*Minha morada é a casa de Javé, por dias sem fim.*

Sl 23 (22), 1,6

O salmista é cada um de nós; o salmista é toda a Igreja; o salmista é Jesus Cristo, que não apenas eleva toda a oração da humanidade ao Pai, mas também é a resposta do Pai a essa oração. Uma resposta que não é abstrata ou distante, mas que é uma incarnação, ou seja, presença no concreto de nossa vida cotidiana. É através dele que a plenitude da divindade[5] vem habitar nossa terra, e é porque somos filhos no Filho que ouvimos o Pai nos dizer: *«Você, meu filho, você está sempre comigo, e tudo o que é meu é seu»*[6].

## Que mensagem para o nosso mundo?

Jamais terminaremos de examinar os salmos... mas, mesmo que muitas riquezas restem ainda por serem exploradas, essa breve caminhada já possibilita iniciar uma conversa com os nossos contemporâneos que ainda tentam o ideal do homem perfeito.

Onde podemos encontrar em nosso mundo critérios de perfeição comuns a todas as culturas, a todos os trópicos, a todas as épocas, a todas as personalidades? Eles serão baseados em estética, QI, habilidade manual, expectativa de vida, bem-estar material? Os critérios apresentados a mim pela minha inteligência serão os mesmos que os do meu vizinho? Vou ter que me submeter aos critérios impostos pela "sociedade"? Mas, por ora, a sociedade não é composta de homens e mulheres imperfeitos?

Como escapar do narcisismo alimentado pelas redes sociais; como não cair na desesperança, mesmo em desespero, quando alguém não corresponde à imagem da perfeição que eles transmitem? Como não podemos nos deixar aprisionar pelo olhar raramente benevolente dos «outros»?

Parece que, se eliminarmos Deus, uma concepção de perfeição limitada à materialidade de nosso planeta encontrará necessariamente perguntas não respondidas, contradições internas e levará a restrições de liberdade - externas e internas. - ameaçando a dignidade da pessoa humana ...

Com o salmista, ousemos redescobrir a origem e as raízes dessa dignidade, dessa grandeza do ser humano, criada por um olhar de amor e convidada a exercer sua liberdade de escolha em todos os momentos de sua vida.

Em vez da segurança da autorreferência, prefira a aventura do encontro.
Em vez de buscar o poder, decida assumir sua vulnerabilidade.
Em vez de se salvar, escolha depender do Todo-Outro.
Acolher a não perfeição, para habitar a plenitude.
Em vez de considerar o ser humano como objeto de estudo,
querer respeitar nele o mistério que o torna único.
Renunciar à uma imortalidade que nos ligaria a esta terra,
para correr o risco da eternidade.

1 Bruno Cadoré, *Avec Lui, écouter l'envers du monde*, Cerf 2018, p. 19
2 *Famille Chrétienne* n° 2133, 13-19 décembre 2018, pp. 10-13.
Nascido na década de 1980 nos Estados Unidos, o transumanismo é um movimento cultural internacional que defende a melhoria das características físicas e morais dos seres humanos por meio da tecnologia.
3 A expressão é de Sta Thérèse de Lisieux.
4 Prior da Ordem Dominicana de 2010 a 2019.
2 Cf. Col 2, 9
3 Lc 15, 31

# O DOCUMENTO SOBRE A FRATERNIDADE HUMANA E AS SUAS IMPLICAÇÕES PARA AVIDA RELIGIOSA

S. E. Miguel Ángel Card. Ayuso Guixot, MCCJ

*O Cardeal Ayuso é o Presidente Pontifício do Conselho para o Diálogo Inter-religioso.*

*Esta conferência foi apresentada na reunião da Comissão para o Diálogo Inter-religioso da UISG/USG, sobre o tema "Mulheres e Homens Religiosos, Embaixadores da Paz Mundial e da Convivência Comum", Roma, 16 de março de 2020.*

*Original em Italiano*

Caros amigos,

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à Irmã Patricia Murray e ao Padre Emil Turu, que, em nome da Comissão para o Diálogo Inter-religioso da União Internacional das Superioras Gerais e da União dos Superiores Gerais, organizaram o evento atual no qual estamos participando através de diversas formas.

Confesso que é para mim um verdadeiro prazer partilhar com vocês algumas reflexões. De fato, sinto-me em casa porque, como pertenço a um Instituto missionário, o dos Missionários Combonianos do Sagrado Coração de Jesus, estou bem consciente, tanto pela minha vida pessoal como pela vida consagrada, do significado e da importância de construir a fraternidade e de promover o diálogo com pessoas de outras religiões.

O tema que me foi confiado, o *Documento sobre a Fraternidade Humana e as suas implicações para a vida religiosa* é, sem dúvida, um tema de grande relevância e muito atual. Na verdade, creio que o *Documento sobre a Fraternidade Humana para a Paz Mundial e a Convivência Comum*, assinado em 4 de fevereiro de 2019 em Abu Dhabi pelo Papa Francisco e pelo Grande Imam de Al-Azhar Al-Tayyeb, constitui um marco no caminho do diálogo inter-religioso.

Gostaria de mencionar rapidamente alguns dos conteúdos do Documento e, em seguida, passar a abordar o seu significado para a vida consagrada.

## 1) Documento sobre a Fraternidade Humana para a Paz Mundial e a Convivência Comum

### *a. As raízes no Conselho*

Como o Santo Padre disse para nós, católicos, "o documento não foi um milímetro além do Concílio Vaticano II". Não. O documento foi feito no espírito do Vaticano II" *(Conferência de Imprensa do Papa Francisco durante a sua viagem de regresso a Roma, 5 de fevereiro de 2019).* Do ponto de vista católico, o documento não pode, de fato, ser compreendido se não fizer parte do longo caminho das relações inter-religiosas da Igreja Católica, que encontrou expressão oficial no Concílio Vaticano II.

### *b. É dirigido a todos*

Trata-se de um convite concreto à fraternidade universal que diz respeito a todos os homens e mulheres. Por conseguinte, não se trata de um documento confessional nem de um texto islâmico-cristão, embora, obviamente, a espiritualidade dos dois signatários perpasse em todo o documento, mas sim de um documento aberto a todos, utilizável e partilhado por todos, crentes e não-crentes.

### *c. Deus é o Criador de tudo e de todos*

Deus é o Criador de tudo e de todos, por isso somos membros de uma só família e como tal devemos reconhecer-nos a nós próprios. Este é o critério fundamental que a fé nos oferece para gerir a convivência humana, para interpretar as diferenças que existem entre nós e para desofuscar os conflitos.

### *d. Alguns pontos salientes*

- Ninguém é autorizado a usar o nome de Deus para justificar a guerra, o terrorismo ou qualquer outra forma de violência.
- A vida deve ser sempre salvaguardada, tal como deve ser sempre reconhecido o direito das crianças a crescerem num ambiente familiar, o direito à alimentação e à educação, à proteção num ambiente digital cada vez mais traiçoeiro.
- A Declaração define como uma "necessidade essencial" o reconhecimento do direito das mulheres à educação, ao trabalho e ao exercício dos seus direitos políticos.
- O documento condena a adesão forçada a uma determinada religião ou cultura, ou a um estilo de civilização que outros não aceitam.
- O direito à liberdade religiosa e à plena cidadania.
- O texto da Declaração de Abu Dhabi sublinha a necessidade de passar da mera tolerância à convivência fraterna.
- Importância da formação e educação das gerações mais jovens.
- Respeito, proteção e cuidado com a Criação.

A intenção do documento é a de adotar:

a cultura do diálogo como o caminho;
a colaboração comum como conduta;
o conhecimento mútuo como método e critério.

Estes são apenas alguns pontos presentes na Declaração e sobre os quais há muito a fazer em conjunto com os nossos irmãos e irmãs de outras religiões. Face a uma humanidade ferida por tantas divisões e fanatismo ideológico, o Papa e o Grande Imam mostraram que a promoção da cultura do encontro e do conhecimento do outro não é uma utopia, mas a condição necessária para viver em paz e deixar às gerações futuras um mundo melhor do que aquele em que vivemos.

O nosso mundo, cada vez mais secularizado, tem grande necessidade do diálogo inter-religioso, que testemunha o "transcendente", defende a liberdade religiosa, declara que qualquer forma de violência é, por natureza, alheia à autêntica razão de ser da religião enquanto tal, incentiva a construção comum de um mundo de paz e fraternidade. De fato, a verdade do carácter sagrado e da dignidade da pessoa humana, juntamente com o respeito pela liberdade religiosa que conduz ao diálogo autêntico, são a base para a construção de um mundo pacífico.

## 2. O Documento sobre a Fraternidade Humana e a Vida Consagrada

Pensando na vida consagrada, vem-me espontaneamente pensar em São Francisco de Assis. Gosto de recordar aqui, como também foi salientado pelo lema da Viagem Apostólica a Abu Dhabi "Fazei de mim um instrumento da vossa paz", que o encontro de Abu Dhabi aconteceu 800 anos depois daquele entre o Santo de Assis e o Sultão Malik al-Kâmil. São Francisco intuiu que o diálogo é o espaço da missão para enfrentar aqueles que não conhecem o Evangelho e não ouviram falar de Jesus Cristo.

A lição de São Francisco é que, longe de ceder ao sincretismo ou ao relativismo, ou renunciar à sua própria história e tradição, a identidade cristã é, no entanto, "flexível", ou seja, capaz de enfrentar as condições sociais e políticas do mundo em mudança, bem como de superar preconceitos e formas de intolerância. É uma identidade que vive da vontade de ir ao encontro do outro, que sente o desejo de diálogo.

Parece-me que a "flexibilidade" e a "vontade de encontrar o outro" são duas atitudes que distinguem a contribuição específica que a experiência da vida consagrada pode oferecer no campo da fraternidade humana e do diálogo inter-religioso.

Só para dar um exemplo, recordo a frutuosa experiência do Diálogo Monástico Inter-religioso (DIM) e a feliz colaboração com o Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso. A contribuição que a experiência monástica pode dar ao diálogo inter-religioso é fundamental. O Diálogo Monástico Inter-religioso, como organização, começou em 1978, em resposta a um apelo do Cardeal Sérgio

Pignedoli, segundo presidente do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso. Na sua carta ao Abade Primaz da Confederação Beneditina, tinha pedido que os monges e as monjas estivessem mais estreitamente envolvidos no diálogo inter-religioso, uma vez que, como afirmava, "a vida monástica é uma ponte entre as religiões". A frutuosa colaboração entre o DIM e o Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso produziu vários frutos ao longo dos anos, especialmente no domínio do diálogo cristão-budista. Por último, mas não menos importante, em colaboração com o mosteiro budista de Fo Guang Shan e a Associação dos Superiores Maiores dos Religiosos, ocorrido em Taiwan, em outubro de 2018, o primeiro diálogo internacional de monjas budistas e cristãs em diálogo sobre o tema "Ação Contemplativa e Contemplação Ativa: Irmãs Budistas e Cristãs em Diálogo".

Penso também no trabalho insubstituível no domínio do diálogo inter-religioso realizado por Institutos que têm uma espiritualidade missionária. Também eu, como já disse, pertenço aos Missionários Combonianos do Sagrado Coração de Jesus, por isso sei quanta energia é gasta para que a nossa vida seja permeada pelo amor fraterno por todos e pela amizade cordial e sincera com pessoas de outras religiões. A colaboração com homens e mulheres de diferentes tradições religiosas deve basear-se cada vez mais numa preocupação comum pela vida humana, que vai desde a compaixão pelo sofrimento físico e espiritual até ao compromisso com a justiça, a paz e a salvaguarda da criação. Tudo isto está bem expresso no Documento sobre a Fraternidade Humana.

É inegável que hoje em dia o diálogo é feito em todo o lado. Existem diferentes áreas e oportunidades para nos aproximarmos uns dos outros. Para além do esforço incansável de falarmos uns com os outros, temos também de aprender a partilhar as alegrias e os sofrimentos da vida. Cada instituto religioso tem o seu próprio carisma para colocar ao serviço no caminho do diálogo. Estou convencido de que cada instituto, se se deixar inspirar pela espiritualidade do diálogo, pode dar a sua própria contribuição para o caminho rumo à fraternidade e à convivência de religiões e culturas.

Neste sentido, a criação da Comissão para o Diálogo Inter-religioso, que inclui membros que representam tanto a União das Superioras Gerais como a União dos Superiores Gerais, é significativa. Esta Comissão pretende desenvolver a consciência e o conhecimento entre as congregações religiosas residentes em Roma sobre a importância do ministério do diálogo inter-religioso.

A vida consagrada tem diante de si o caminho da fraternidade para caminhar num mundo dividido pelo ódio, pela guerra, pela injustiça e pela opressão. É, pois, necessário viver e dar testemunho da comunhão na diversidade, da possibilidade de diálogo multicultural e da possibilidade de diálogo e paz entre os povos, as raças e as culturas. Na experiência da fraternidade experimentamos o Deus Trinitário, a comunhão na diversidade.

Somos todos corresponsáveis pela missão da Igreja no mundo e somos todos chamados a ser protagonistas do diálogo inter-religioso. Obviamente, às pessoas consagradas que se colocam ao serviço do diálogo inter-religioso exige-se uma

adequada preparação na formação, bem como no estudo e na investigação, uma vez que neste domínio é necessário um conhecimento profundo do cristianismo e de outras religiões, acompanhado de uma sólida fé e maturidade espiritual e humana.

De fato, é indispensável uma formação profunda e séria na própria fé (neste caso o cristianismo) e uma boa informação sobre outras religiões que nos torne espiritual e humanamente sólidos e maduros. Hoje não podemos ignorar o outro, mas enraizados na nossa identidade, devemos abrir-nos, com a sinceridade das intenções, a esta "cultura do diálogo" desejada pelo Papa Francisco.

Gostaria de repropor aqui, dado o alcance, sensibilidade e competência, o convite do Papa Francisco: "Para aqueles que acreditam no Evangelho, o diálogo não tem simplesmente um valor antropológico, mas também um valor teológico (...) Há necessidade de desenvolver uma teologia do acolhimento e do diálogo que reinterprete e reproponha o ensinamento bíblico. Só pode ser elaborado se fizermos todos os esforços para dar o primeiro passo e não excluirmos as sementes da verdade de que outros são também repositórios. Deste modo, a comparação entre os conteúdos das diferentes crenças pode dizer respeito não só às verdades acreditadas, mas a temas específicos, que se tornam pontos de qualificação de toda a doutrina" *(Discurso do Santo Padre Francisco, "Fronteira Mediterrânica de Paz", Bari 23 de fevereiro de 2020).*

O Papa Francisco já tinha desejado, durante o seu discurso na Faculdade Teológica do Sul da Itália (Nápoles, 21 de junho de 2019), que os estudos reflexivos e a investigação visassem desenvolver uma teologia do discernimento, da misericórdia e da aceitação, que entrasse em diálogo com a sociedade, as culturas e as religiões para a construção de uma convivência pacífica. Esta é uma nova e importante tarefa que se abre diante de nós!

A pessoa consagrada, o missionário/a interessado/a na vinda do Reino de Deus, torna-se protagonista e promotor/a de diálogo, trabalhando lado a lado com os crentes de outras religiões num espírito de fraternidade, partilhando com eles o compromisso comum de construir um mundo melhor, como crentes de um só Deus. Este diálogo, tal como delineado nos documentos da Igreja, será um diálogo de vida, de ação, de intercâmbio teológico e de experiência religiosa.

Por último, gostaria de salientar um aspecto, o da oração, que é comum a homens e mulheres de diferentes religiões, mas que me parece assumir um significado particular para a vida consagrada e tornar-se para ela uma tarefa específica de apoio ao diálogo inter-religioso e ao caminho da fraternidade. Devemos aprender a olhar para os outros com o olhar de Deus. A primazia da oração é a manifestação visível do fato de ser a dimensão interior e fundadora de toda a experiência religiosa e é a área a partir da qual emerge hoje, fortemente, o apelo à responsabilidade histórica que as religiões têm para com o nosso mundo.

Num contexto internacional destinado a mudanças rápidas e por vezes dramáticas, o convite que vem de Abu Dhabi é o de aumentar, a começar pela oração, o diálogo entre religiões e das religiões com todos os homens e mulheres;

é evidente enfatizar a necessidade de um nível mais elevado de qualidade exigido para o próprio diálogo e de um assumir mais radical da responsabilidade na procura de formas de paz. Estas formas de vida poderão trazer repercussões inevitáveis a nível da vida privada e pública.

## 3. Conclusão

O Magistério do Papa Francisco alimenta-se da convicção conciliar de que as religiões têm em si grandes recursos para construir, com todos os homens de boa vontade, uma humanidade reconciliada e de que é sempre necessário um movimento espiritual pela paz capaz de reunir, sem os confundir, os diferentes mundos religiosos. É, pois, neste contexto que é inserido o Documento sobre a Fraternidade Humana, assim como a recente criação, em agosto de 2019, também em Abu Dhabi, de um Comité Superior para a implementação do Documento sobre a Fraternidade Humana, do qual sou presidente, e que tem a tarefa de desenvolver um quadro para assegurar a realização dos objetivos contidos no Documento.

No mundo precário de hoje, o diálogo entre as religiões não é um sinal de fraqueza. Ela encontra a sua razão de ser no diálogo de Deus com a humanidade. A oração, o diálogo, o respeito e a solidariedade são as únicas armas vencedoras contra o terrorismo, o fundamentalismo e todos os tipos de guerra e violência. E são armas que fazem parte dos arsenais espirituais de todas as religiões. No respeito pela diversidade, o diálogo deve ter o cuidado de assegurar que a cada ser humano seja garantido e respeitado os seus direitos à vida, à integridade física e às liberdades fundamentais, ou seja, à liberdade de consciência, de pensamento, de expressão e de religião.

No próprio título do documento assinado em Abu Dhabi, pode-se ler, um campo comum ligado a uma verdade antiga, que pode soar nova ao contexto mundial que nos rodeia: a fraternidade humana.

O fato de o Papa Francisco e o Imam Al-Tayyeb pedirem que estudemos e transmitamos a sua mensagem às novas gerações, anuncia uma nova época. Eu diria que se abriu um caminho comum, fruto de uma nova luz e de uma nova criatividade no próprio coração de cada uma das duas religiões, e não apenas isso. E, se a Deus agrada que homens e mulheres de religião e boa vontade possam caminhar em fraternidade, não é menos valioso que a fraternidade se torne também o caminho das diversas crenças religiosas.

Espero que o esforço de Abu Dhabi possa realmente unir-se para além das fronteiras e das pertenças a esta ou àquela crença e, acima de tudo, dos usos instrumentais das crenças. Pela paz e pelo viver juntos.

# BURNOUT E A CONSTRUÇÃO DE RESILIÊNCIA NA VIDA RELIGIOSA

Ir. Maryanne Loughry, RSM

*Irmã Maryanne Loughry, rsm, é membro do Instituto das Irmãs da Misericórdia na Austrália e Papua Nova Guiné. Psicóloga, Maryanne ensina na Escola de Serviço Social da Universidade de Boston. Ela trabalha há muitos anos no Serviço Jesuíta aos Refugiados e em seu trabalho de doutorado pesquisou os efeitos da detenção em crianças refugiadas desacompanhadas. Em 2009, recebeu a homenagem da Ordem da Austrália pelo serviço prestado a refugiados e deslocados.*

*Original em Inglês*

Nem sempre é fácil identificar as causas do sofrimento de outra pessoa e muitas vezes é ainda mais difícil saber quando e como ajudar uma pessoa angustiada.

Este artigo explorará os conceitos de sofrimento psíquico na vida religiosa, com foco no burnout (desgaste ou esgotamento) e no estresse; explorar intervenções contemporâneas para abordar essas expressões de angústia e, finalmente, enunciar como boas políticas e práticas podem desempenhar um papel fundamental na prevenção de angústias psicológicas entre Irmãs religiosas.

## Modelos contemporâneos de sofrimento psicológico

Em nosso mundo contemporâneo, todas conhecemos Irmãs que trabalham em ambientes vulneráveis. Ouvimos falar de casos de religiosas sendo abusadas e traumatizadas e frequentemente encontramos Irmãs que parecem não ter energia, não têm mais combustível no tanque. Essas mulheres podem apresentar-se cansadas, desgastadas, negativas e sem entusiasmo. Um termo psicológico que se tornou mais comumente usado para descrever essas condições é *burnout*. Irmãs que deram tudo de si descobrem que não conseguem mais se envolver com o ter que fazer. O esgotamento é uma condição de exaustão emocional 'relacionada ao trabalho', na qual o interesse no trabalho, a realização pessoal e a eficiência diminuem acentuadamente e a pessoa que sofre não é mais capaz de tomar decisões.[1] Faz sentido que essa condição seja familiar para nós. Como descrito acima, muitas Irmãs ainda estão trabalhando em ambientes exigentes, como se

tivessem a mesma energia que tinham quando jovens religiosas. Em vez disso, são mais velhas, as condições são mais complexas e são vistas como representando um modelo de ministério que está diminuindo e possivelmente não é mais relevante.

Se não estão esgotadas, algumas Irmãs estão apenas estressadas, mas elas ainda têm energia; entretanto demandas irrealistas são impostas a elas mesmas e a outras pessoas. Sabemos que o estresse perturba ou pode perturbar o funcionamento fisiológico ou psicológico normal de uma pessoa. Quando confrontada com uma Irmã que parece estar angustiada, ela está esgotada, estressada ou algo mais está acontecendo em sua vida que a está afetando? A linguagem e estruturas usadas para explicar o comportamento das pessoas importa muito. Elas moldam nossas expectativas e respostas.

Hoje em dia, a maior parte da linguagem contemporânea está cheia de linguagem psicológica, com muitos termos sendo usados sem considerar o que esses termos realmente significam. Um termo muito comum que agora foi introduzido na linguagem cotidiana é a palavra trauma. Sou australiana e, nos últimos meses, meu país foi devastado por incêndios florestais e outros eventos climáticos extremos. Atualmente, há muita discussão na mídia sobre o trauma que todos experimentamos, com referência especial àqueles que combateram os incêndios. Tecnicamente, a psicologia define trauma como "uma lesão física ou ferida, ou um poderoso choque psicológico que tem efeitos prejudiciais".[2] Então agora começa a discussão sobre quem está traumatizado e o que precisa ser implementado para lidar com esse trauma. Uma outra expressão técnica usada é o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT). Após o trauma dos incêndios, um número significativo da população australiana terá um distúrbio psiquiátrico diagnosticado por TEPT? Bem, sem entrar em muitos detalhes sobre esse distúrbio psiquiátrico, isso dependerá da aparência dos chamados "efeitos prejudiciais" e por quanto tempo eles persistem. Somente especialistas profissionais em saúde mental podem fazer essa determinação. Enquanto isso, a linguagem psicológica do trauma domina nossa mídia australiana, causando medo e incerteza.

Na vida religiosa, também adotamos uma linguagem de saúde psicológica e mental para explicar nosso comportamento e o comportamento das outras, ainda que frequentemente nosso uso desses termos não seja tecnicamente correto. Isso pode ter sérias consequências, porque a forma como descrevemos nosso comportamento e o comportamento de outras pessoas pode criar expectativas sobre como a saúde mental e a angústia das Irmãs devem ser melhor abordadas e, em segundo lugar, pode levar a uma estigmatização, porque universalmente a saúde mental e a doença mental são frequentemente percebidas como sendo prejudiciais para a reputação e o futuro de alguém.

A vida religiosa contemporânea como a conhecemos tem muitos desafios. Consciente de que não é apropriado falar em amplas generalizações, é aparente que o número de mulheres na vida religiosa está em declínio, que menos mulheres jovens procuram ingressar na vida religiosa e que a idade média das mulheres na vida religiosa está aumentando. Paralelamente a esses fatos, nas últimas décadas,

as instituições religiosas tiveram menos Irmãs no trabalho ativo e muitas instituições religiosas tiveram que abandonar suas instituições tradicionais de trabalho, por exemplo, hospitais e escolas religiosas. Muitas vezes, essas instituições simbolizavam a contribuição da instituição religiosa. Isso resultou em mais leigos na liderança do trabalho em entidades e, em alguns casos, em liberar as Irmãs para trabalhar com os mais marginalizados. Além disso, as religiosas também viram suas estruturas de governança passar de modelos mais hierárquicos para modelos mais relacionais. Todas essas mudanças acontecem quando há menos Irmãs e elas são mais idosas.

As mudanças que experimentamos em nossas comunidades, trabalhos e Igreja podem ser perturbadoras e, em alguns casos, estressantes, elas também podem criar oportunidades para algumas pessoas; nossas respostas não são universais. Para muitos, a rapidez da mudança e da incerteza tem sido avassaladora e angustiante. Na vida religiosa, quando confrontada com Irmãs angustiadas, não é fácil sempre identificar as causas da angústia e ainda mais difícil como melhor ajudá-las. Nosso uso de termos e rótulos psicológicos pode criar mais problemas.

Quando uma Irmã mostra sinais de angústia, ela pode estar traumatizada, esgotada, estressada, ansiosa ou deprimida. Cada uma dessas condições é tecnicamente definida por especialistas em saúde mental e, como alguns dos sinais e sintomas são semelhantes, às vezes pode ser melhor deixar que os especialistas determinem qual é a condição exata que a Irmã está manifestando. Algumas condições existem em conjunto.

## Possíveis intervenções

Pessoas angustiadas podem ser assistidas por aconselhamento, terapia, medicação e / ou atividades psicossociais ou mesmo apenas por um intervalo ou tempo fora da sua atividade. Qual dessas intervenções é a mais relevante, pode frequentemente ser determinada pela disponibilidade, prática prévia e possivelmente preconceito ou falta de bom entendimento. Isso pode ser muito evidente em contextos em que existem Irmãs de diferentes culturas com diferentes expressões culturais de angústia. Além disso, na vida religiosa também podemos confundir ou complicar a situação, enviando as Irmãs para a direção espiritual, para um tempo sabático ou para um retiro, quando, na verdade, elas precisam de um médico de saúde mental.

Deixe-me dar um exemplo: Irmã Mary, que tem 60 e poucos anos, recentemente tomou o que parece ser uma péssima decisão. Ela agora apresentou à equipe de liderança um pedido de mudança de trabalho. A equipe de liderança tem as seguintes alternativas, A) envia-a para aconselhamento, B) recomenda-lhe um terapeuta; C) convida Mary para se inscrever em um programa sabático; D) dá-lhe um tempo de retiro; E) deixa que ela mude de trabalho, F) todas as opções acima.

As líderes de congregações me disseram que ouvir as necessidades de uma Irmã angustiada e tomar decisões, como o exemplo acima, é uma parte significativa de seu trabalho. Algumas relatam que a primeira reunião pode ser complexa, pois

a Irmã descreve sua situação e compartilha sua angústia. As reuniões de acompanhamento podem ser ainda mais difíceis, porque a líder da congregação nem sempre tem habilidade de uma escuta terapêutica; sente que deseja ajudar a Irmã, mas mesmo tendo vontade de ajudá-la, não tem certeza do que fazer. Ocasionalmente, o sofrimento de uma Irmã pode desencadear sofrimento numa líder.

Além disso, quando se trata da melhor maneira de ajudar a Irmã, existem também agora muitas intervenções novas para nós, incluindo atenção plena e psicologia positiva e, soma-se a isso a insuficiência de provas coletadas para avaliar sua eficácia como uma intervenção útil. Nem sempre as religiosas e as líderes religiosas são as mais capacitadas para ajudar as Irmãs angustiadas sem ter uma assistência profissional e obter conselhos sobre a quem melhor encaminhar as Irmãs para avaliação e acompanhamento terapêutico.

Para aumentar as complicações, à medida que as religiosas envelhecem, também somos confrontadas com Irmãs fisicamente bem, mas com sinais de demência. A demência pode ser difícil de diagnosticar e podemos confundi-la com exaustão emocional e burnout /esgotamento. Em segundo lugar, como ajudar uma Irmã com demência e mantê-la em comunidade, se for apropriado, pois pode ser muito desgastante.

Conforme descrito acima, as religiosas nas últimas décadas responderam às mudanças e se familiarizaram com a prática de governança contemporânea em nossos apostolados e em nossas instituições. Essa mudança também tem acontecido em muitas outras instituições contemporâneas e, até certo ponto, também na Igreja católica. Essa familiaridade nos tem exposto ao estresse e à tensão da vida contemporânea, bem como às opções "seculares" disponíveis para assistência. Ao mesmo tempo, a psicologia também tem evoluído com novas explicações e intervenções projetadas para ajudar as pessoas afetadas pelo estresse e pelo desgaste.

## Intervenções mais contemporâneas e preventivas

Uma intervenção muito significativa e relevante foi o foco na autoajuda. Essa intervenção, tema de muitos assim chamados 'livros de aeroporto', concentrou-se em indivíduos que tomaram conhecimento disto e puseram em prática técnicas e práticas conhecidas por ajudar no combate ao estresse e ao esgotamento. Essas práticas incluem o ajuste de padrões de sono, exercícios, dieta, recreação, meditação e tempo de descanso em ambientes estressantes. Atrevo-me a sugerir que, embora algumas religiosas tenham abraçado algumas delas, elas as veem como uma distração do trabalho e não como algo que as religiosas devam se dedicar. Algumas práticas de autoajuda podem ser vistas como contrárias à vida da comunidade. Há evidências de que muitas dessas práticas podem abordar fatores que contribuem para o estresse, como pressão alta e obesidade.

Outro conjunto de intervenções que podem ajudar populações em dificuldades

são as intervenções informadas ao trauma. O cuidado informado ao trauma considera o trauma passado e os mecanismos de enfrentamento resultantes ao tentar entender comportamentos e tratar uma pessoa. O atendimento informado ao trauma pode assumir várias formas, é sensível ao trauma e resiste ativamente à re-traumatização. É sensível à ampla gama de emoções que são normais após eventos traumáticos e responde a essas emoções de maneira positiva e compassiva. Os cuidados informados sobre trauma frequentemente acontecem em comunidades de grupos onde as atividades são projetadas para atuar de acordo com os pontos fortes da população, usando uma abordagem fortemente baseada nos pontos fortes e não num modelo de déficit.

Na área do trabalho humanitário, uma outra ferramenta foi identificada como útil e é o treinamento de "Primeiros Socorros Psicológicos". Diferentemente do foco na autoajuda, essa intervenção enfatiza o trabalho com grupos. Não muito diferente do treinamento de "Primeiros Socorros", onde os grupos são treinados para responder a ataques cardíacos, cortes e queimaduras, o treinamento psicológico de primeiros socorros é um treinamento de um ou dois dias em que as pessoas são treinadas no básico da saúde mental. Tanto os treinamentos de "Primeiros Socorros" e "Primeiros Socorros Psicológicos" são projetados não para substituir os profissionais de saúde ou profissionais de saúde mental, mas é um treinamento para garantir que os locais de trabalho sejam locais seguros, com uma linguagem compartilhada para entender o sofrimento físico e mental. A partir desses locais seguros, referências podem ser feitas, quando apropriado, a profissionais relevantes. As instituições religiosas também precisam ser lugares seguros para a saúde e a saúde mental, e o treinamento em "Primeiros Socorros Psicológicos" pode ser benéfico e quebrar alguns dos estigmas relacionados à saúde mental, assim como ajudar no desenvolvimento de um léxico compartilhado de estresse e angústia, permitindo que as religiosas sejam mais livres para falar sobre sua saúde e suas experiências. Quanto mais pudermos ser livres para compartilhar nossas experiências e observar os primeiros sinais de angústia das colegas, mais solidárias e robustas nossas comunidades poderão se tornar. Tanto o treinamento de "primeiros socorros psicológicos" quanto o autocuidado enfatizam a prevenção, e não a cura.

## Construção de Resiliência Institucional

Enquanto nas seções acima foi examinada a questão do burnout e do estresse, bem como intervenções que podem ajudar as pessoas angustiadas, muito mais pode ser feito no nível de liderança e governança para impedir que as Irmãs fiquem sobrecarregadas e angustiadas. Um conceito que agora é proeminente é a construção de resiliência tanto em instituições quanto em indivíduos. Resiliência é o processo de se adaptar bem diante de adversidades, traumas, tragédias, ameaças ou fontes significativas de estresse" ou "recuperação" de experiências difíceis[3]. Instituições resilientes têm boas políticas e práticas que facilitam o processo de bem se adaptar.

Na vida religiosa, boas políticas e práticas podem ajudar as Irmãs a navegar

pelas mudanças e desafios que estão enfrentando. Um exemplo forte de uma boa política seria uma política para compromissos e contratos de trabalho. Em muitas partes do mundo, as Irmãs estão trabalhando em atividades onde não há uma descrição clara da atividade a ser exercida e o trabalho relacionado com condições e recursos para o trabalho. A ausência de tais políticas pode estar relacionada à frustração, longas horas dispensadas e expectativas irrealistas. Tais condições podem eventualmente levar à exploração e abuso, condições todas que provavelmente resultarão em esgotamento. Uma política e um contrato claros com análises de desempenho declaradas podem resultar no conhecimento da Irmã os limites estabelecidos para seu trabalho e dar à Irmã, suas líderes religiosas e ao empregador clareza sobre a função e o desempenho esperados; todas as condições para um relacionamento positivo entre uma Irmã e o trabalho a ser abraçado. Tais práticas são recomendadas mesmo que a Irmã esteja engajada num trabalho dentro da congregação.

Outras políticas que podem ser desenvolvidas incluem políticas de formação, inicial e contínua, renovação e tempo sabático, recreação e subsídios. Políticas como essas podem remover a ambiguidade e fornecer um veículo para comunicação e avaliação. Muitas instituições resilientes moldam suas políticas nas melhores práticas de outras (instituições) e usam as mais impactadas na modelagem e articulação dos detalhes da política. Isso facilita o "apropriar-se" das políticas. À medida que avançamos para formas mais relacionais de governança, não mais parece apropriado apresentar políticas sem antes buscar informações sobre quem estará fazendo a experiência da política em sua vida cotidiana.

À luz dos recentes escândalos e revelações de abuso dentro da Igreja Católica, tornou-se também agora primordial que as instituições religiosas também tenham códigos de conduta e políticas de proteção à criança. Tais políticas removem qualquer ambiguidade em relação ao comportamento e práticas no trabalho e preveem plataformas para discussão sobre estabelecimento de limites, revisão e avaliações do trabalho. Eles também podem ser usados para impedir o abuso de Irmãs e de quem está sob nossos cuidados, tornando muito mais explícitos os padrões exigidos das Irmãs e dos nossos parceiros de trabalho, incluindo parceiros da Igreja. A comunicação aberta sobre tópicos sensíveis é uma das maneiras pelas quais os primeiros sinais de abuso são identificados e abordados.

## Liderança

É evidente que as líderes das congregações religiosas enfrentam enormes desafios hoje. Elas também fazem parte de um grupo de idosas e lideram cada vez mais congregações que estão diminuindo em número e recursos, enquanto ainda têm mulheres que continuam a trabalhar com os marginalizados expressando o carisma fundacional. As vocações são poucas e os membros mais jovens ou mais novos expressam prioridades diferentes, possuem novas habilidades e frequentemente se preocupam com o futuro do planeta e da Igreja Católica.

As responsabilidades atuais das líderes da vida religiosa também são imensas.

Há muito envolvimento com o direito civil e canônico e a governança dos serviços. O planejamento econômico e a garantia de recursos suficientes para o cuidado futuro das Irmãs e das atividades institucionais estão sobrecarregando e exigindo compreensão e habilidades técnicas complexas. Juntamente com isso, à medida que as instituições religiosas se tornaram mais relacionais na tomada de decisões, a boa comunicação se tornou fundamental. Mais do que nunca, em meio a essas responsabilidades, as líderes religiosas precisam praticar um bom autocuidado, para que possam enfrentar os desafios que se apresentam em toda a liderança com bom senso e boa saúde. As líderes religiosas são chamadas a modelar as melhores práticas em seu próprio comportamento assim como em suas expectativas em relação às comunidades de sua jurisdição.

Uma estratégia poderosa que é altamente recomendada para líderes religiosas e também para religiosos no apostolado é a supervisão. Supervisão é um espaço regular, planejado, intencional e limitado, no qual um profissional, com experiência em supervisão, se encontra com outro profissional para examinar juntos o trabalho do supervisionado. Essas sessões podem ajudar o supervisionado a explorar os problemas que surgem em seu trabalho, dos quais ele não tinha conhecimento antes. A supervisão traz um novo olhar para as questões e também introduz responsabilidade e revisão das práticas e padrões de comportamento.

A supervisão, o apoio e o envolvimento com os profissionais de saúde mental podem ser caros. É recomendável que as instituições religiosas se agrupem e mantenham atualizada uma lista de profissionais de saúde mental e suas especializações e âmbitos específicos de trabalho para emergências, bem como para o envolvimento contínuo. Agora também é possível acessar esses serviços pela Internet, que podem ajudar em locais onde os profissionais de saúde mental são poucos e também em locais onde eles podem não estar familiarizados com a cultura e as práticas da vida religiosa. Orçar esses recursos deve ser uma prática comum.

Finalmente, em resumo, o estresse e a tensão da vida religiosa podem ser caros. É necessário não apenas implementar bons sistemas para lidar com os efeitos desse estresse e pressão sobre as Irmãs, através do autocuidado e da assistência profissional apropriada, mas também desenvolver boas políticas e práticas para garantir que nossas instituições religiosas sejam resilientes e estejam em boa forma para os tempos incertos que temos pela frente.

1 Colman, A.M. (2014) A Dictionary of Psychology (online). Oxford UK, Oxford University Press.
2 Colman, A.M. (2014) A Dictionary of Psychology (online). Oxford, University of Oxford Press.
3 American Psychiatric Association/Associação Psiquiátrica Americana

# VIDA NA UISG

## Da mesa da Secretária Executiva

Tanta coisa mudou, mudou completamente, desde que escrevi pela última vez "Da Mesa da Secretária Executiva", na edição nº 171. Minhas palavras finais foram de gratidão à Ir. Elisabetta Flick e Ir. Cecilia Bayona por seus anos de serviço prestados na UISG. Mal sabíamos que dentro de pouco tempo Ir. Elisabetta seria tirada de nós, durante a primeira onda do vírus Covid-19, aqui na Itália. Sua morte foi uma perda para sua congregação e para cada uma de nós aqui na UISG. No entanto, sua morte também veio simbolizar as perdas que ocorreram em tantas comunidades religiosas, femininas e masculinas, primeiro em toda a Itália e Espanha e, em seguida, impactando gradualmente comunidades em outros lugares da Europa, depois na América do Norte e do Sul, em seguida na África, Ásia e Oceania. Quase nenhuma congregação religiosa foi deixada intocável pelo vírus, seja diretamente com membros infectados ou indiretamente, pois familiares, colaboradores, vizinhos, amigos e as pessoas entre as quais ministram, foram impactadas e sofreram da mesma forma. Que as almas daqueles/as que amamos e perdemos descansem nos braços amorosos de seu Senhor e Salvador.

Houve muitas outras perdas e mortes, pois nosso estilo de vida teve que mudar e se adaptar a um período de pandemia. Todos nós sentimos a ausência do toque, as distâncias forçadas tanto físicas como psicológicas e a perda do nosso estilo de vida normal, expressos no estarmos juntos para a celebração da Eucaristia, nas refeições diárias, no dar aulas, no trabalho paroquial, nos hospitais ou prisões, na realização de reuniões e conferências de grupo, nas assembleias e capítulos. Cada um/a sabe como mudou sua forma de liderar, com restrições de viagens e encontros pessoais e aumento da comunicação online. A tecnologia permitiu que um senso de solidariedade crescesse dentro e entre as congregações e, a partir daí, para o resto do mundo. Estamos todos/as sofrendo juntos/as, mas também estendendo a mão para nos encorajar e apoiar mutuamente. Estamos aprendendo a discernir o essencial do não essencial.

Nosso trabalho na UISG mudou significativamente. Devido às necessidades em todo o mundo, várias fundações e muitas congregações religiosas abordaram a UISG sobre o estabelecimento de um Fundo de Solidariedade especial para apoiar as congregações necessitadas. Posteriormente, fomos procurados pela Comunidade Santo Egídio (uma organização italiana) para que pudéssemos colaborar no recebimento de fundos da USAID para congregações carentes, abrigos e casas de acolhimento na Itália. Por causa da estrutura da constelação dentro da UISG, temos sido capazes de levar os fundos rapidamente para aqueles que precisam, sem muita burocracia, e isso foi muito apreciado pelos financiadores. Outro novo foco durante este tempo foi a capacidade da UISG de oferecer ajuda prática, capacitação focada e alimento espiritual para líderes congregacionais e

seus membros via ZOOM. A variedade e o número de tópicos foram extensos e ficamos maravilhadas com a capacidade da equipe da UISG de incluir um grande número de pessoas trabalhando em quatro idiomas em reuniões online. Além disso, Patrizia Morgante, Ir. Florence de la Villeon e Ir. Thérèse Raad ofereceram capacitação e ajuda prática a muitas congregações, oportunizando que trabalhassem com eficácia usando o ZOOM em suas congregações e para sua missão e atividades. A capacidade das congregações femininas de se adaptarem a novas realidades reflete a de seus fundadores e suas fundadoras, que atenderam às novas necessidades de sua época com imaginação, criatividade e flexibilidade.

Durante esses meses, os vários projetos da UISG continuaram a se expandir, apesar das limitações impostas pela Covid-19. O Programa de Formação para 44 participantes migrou para a via online após um mês. Ir. Cynthia Reyes e as pessoas que participaram administraram a transição tão bem e somos gratas aos conferencistas por sua flexibilidade em trabalhar em diferentes horas do dia. A iniciativa Catholic Care for Children International (CCCI) foi lançada oficialmente e Ir. Niluka Perera ofereceu algumas sessões importantes para explicar o escopo da visão da CCCI e as implicações da adoção do Cuidado Contínuo. As duas Uniões USG e UISG estabeleceram uma nova Comissão, apoiada pelo Escritório de Cuidado e Proteção da UISG. Em colaboração com a Comissão do Vaticano para o Cuidado e Proteção de Menores e o Centro de Cuidado e Proteção (Universidade Gregoriana), a Comissão em Conjunto começou a oferecer sessões importantes para Superiores Gerais, membros do Conselho Geral e pessoas de contato das congregações. O projeto da UISG "Semeando Esperança para o Planeta" foi ganhando força sob a liderança de Ir. Sheila Kinsey e a rede de congregações participantes aumentou significativamente.

Ir. Gabriella Bottani e a Equipe de Coordenação Internacional têm apoiado as numerosas redes Talitha Kum nestes tempos vulneráveis que colocam cada vez mais pessoas em risco. Nos bastidores, outros membros da equipe fornecem suporte administrativo para todas essas várias iniciativas; sem eles e elas não poderíamos prosseguir. Apesar das dificuldades, a UISG lançou uma nova iniciativa chamada "Irmãs em Advocacia Globalmente", que visa equipar Irmãs em diferentes partes do mundo com o histórico e as habilidades necessárias para Advocacia e Comunicação, em nome daqueles que estão à margem da sociedade. Temos o prazer de receber a Sra. Uta Sievers e a Sra. Giulia Cirillo como coordenadoras do projeto e oficiais de defesa e comunicação, respectivamente.

Durante o ano, como religiosos e religiosas, compartilhamos sobre o impacto da Covid-19 na vida religiosa em várias partes do mundo. As apresentações da CLAR, LCWR e UCESM ajudaram a criar um novo sentido de solidariedade e fraternidade. Isto nos preparou para a oportunidade de compartilhar a nova encíclica do Papa Francisco, Fratelli Tutti, com os líderes e as líderes congregacionais, de modo que a encíclica pudesse ser compartilhada o mais amplamente possível. O Dicastério para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica apresentou o novo documento "O Dom da Fidelidade e a Alegria da Perseverança", via ZOOM, para os religiosos de todo o mundo. Eles organizarão outro encontro em 18 de fevereiro de 2021 para explorar aspectos particulares do documento com os superiores maiores e procuradores.

Ao concluir este ano difícil e ao olhar para o ano novo com esperança renovada, gostaria de oferecer uma oração da tradição Celta:

*Se o seu caminho está ameaçado por sombras,*
*que o Senhor o circunde,*
*mantenha a luz dentro e as trevas fora.*
*Se o seu caminho é alvo de conflito,*
*que o Senhor o circunde,*
*mantenha o amor por perto e o ódio fora.*
*Se o seu caminho está ameaçado pela preocupação,*
*que o Senhor o circunde,*
*mantenha a paz dentro e o medo fora.*
*Desejamos que você venha bem aqui entre nós, onde estamos.*
*Não temeremos as sombras que nos cercam,*
*porque você está vindo entre nós.*
*Esperamos o som de um grito durante a noite,*
*a alegria que segue à dor, a chegada da esperança.*
*AMÉM.*

## Notícias

### *Renovação da comunicação da UISG: site e logotipo*

Acontece, de vez em quando, com cada uma de nós, a vontade de mudar nossa aparência: cortamos o cabelo ou mudamos nosso visual. Após cinco anos de intensa atividade, as plataformas de comunicação da UISG necessitam também de renovação, a fim de responder melhor às necessidades de comunhão e relacionamento que emergem entre os nossos membros.

Começaremos com o logotipo e o website. A primeira tem-nos acompanhado durante muitos anos: sentimos que hoje já não exprime aquilo em que a nossa Associação se tornou. Seguiremos com o website: com muitas novidades para tornar a circulação da informação e a sua participação mais fácil e mais imediata.

Serão necessários alguns meses de reflexão, discernimento e estudo para se chegar a um resultado.

Se desejar ajudar-nos com quaisquer ideias ou críticas, isto seria de grande ajuda para nós; escreva para *comunicazione@uisg.org*

### *"Liderança para uma Vida Consagrada num mundo em gestação". Curso Online sobre Liderança*

A UISG e a USG promoveram o primeiro curso online sobre Liderança, em 4 línguas, ministrados em outubro e novembro: atraiu muito interesse entre as religiosas e os religiosos.

Alguns dados: 1500 inscritos, na sua maioria mulheres; a maioria dos participantes são religiosos e religiosas que estão a serviço da liderança (em diferentes níveis) ou em

formação; países de onde provêm: Europa, México, Brasil, Argentina, Colômbia, Peru, Nigéria, Canadá.
Emili Turù, FMS e Pilar Benavente, MSOLA conferencistas, disseram: *"Este título é especialmente relevante neste momento: percebemos como a Liderança tem sido questionada pelos novos desafios do mundo, e como homens e mulheres consagrados devemos assumir a história e o mundo que nasce desta crise. Definimo-lo, um tempo de gestação para um novo tempo".*
Tendo em vista o interesse, em 2021 a UISG irá oferecer outros cursos sobre *Liderança*.

### *Curso sobre Interculturalidade e Liderança*

*"Não há mais judeu nem grego; não há mais escravo nem livre; não há mais homem nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus". E se pertenceis a Cristo, então sois descendentes de Abraão, herdeiros de acordo com a promessa". (Gálatas 3, 27-29)*
Em dezembro haverá um curso de 8 sessões sobre o tema da *Interculturalidade e Liderança*: os participantes são Superioras Gerais e Conselheiras Gerais.
Será uma versão reduzida do programa de duas semanas que a UISG promoveu em Janeiro de 2019.
Entre os temas*: Cultura e Sensibilidade Intercultural; Interculturalidade e Vida Religiosa Hoje; Espiritualidade e Caminho Intercultural de Jesus; Cultura e Gênero; Interculturalidade e a Era Digital; Interculturalidade e Liderança.*

### *Encontro com as Conferências Continentais das Religiosas e dos Religiosos*

Em 2020, a UISG reuniu-se via online com os conselhos diretivos das várias Conferências de Religiosos do mundo, com uma série de webinars intitulados *"Re-imaginar o futuro".*
Fizemos-lhes algumas perguntas comuns:

- -Como a vida religiosa no seu continente acompanha as pessoas neste tempo de pandemia?
- - Quais são os questionamentos que esta crise põe à vida religiosa?
- - Como re-imaginar o futuro após este evento global?

Reunimo-nos com LCWR (Conferência de Liderança das Religiosas, EUA), CLAR (América Latina e Caribe), UCESM (Europa) e COSMAM (África e Moçambique).
Todos estes encontros foram muito participados: um momento de oração e reflexão comum sobre a vida religiosa no mundo; apoio mútuo; reforçando a comunhão que vem de uma fraternidade e irmandade comum.
As gravações estão disponíveis no nosso canal do youtube: https://bit.ly/3kgI5me

### *Oração online: por todas as vítimas do Covid 19*

*"Fazer Silêncio para ouvir os sussurros e gemidos dos que sofrem por causa do Covid 19":* com esta intenção organizámos uma oração via online no final de julho, em 5 línguas. Um momento precioso em que nos conectamos com as faces concretas das pessoas, especialmente as mais vulneráveis, que sofriam com a impossibilidade de terem acesso aos cuidados médicos adequados ou de poder sair para sobreviver.
Viajamos da Venezuela à Índia, do Brasil à Itália, rezando e abençoando a vida que é capaz de se erguer mesmo a partir das cinzas.
Um momento muito bonito de proximidade!

### *Proteção dos menores: um esforço conjunto*

A UISG, em colaboração com a *Comissão de Proteção do Vaticano, a Blue Telephone e o Centro Gregoriano para a Proteção de Menores, promoveu uma série de 4 webinars sobre o tema da Proteção de Menores e Adultos Vulneráveis, durante o Covid.*
Muitas religiosas estão interessadas neste tema, conscientes de que esta missão requer preparação a diferentes níveis, bem como grande atenção e cuidado com a pessoa e as relações.
Reunimos todos os materiais e vídeos das reuniões em diferentes línguas num único documento. Pode-se ter acesso a este material através do link: https://bit.ly/2FX7L8z

### *A UISG institui o Catholic Care for Children International (Cuidado Católico Internacional para Crianças) (CCCI)*

A União Internacional das Superioras Gerais (UISG) está lançando um novo projeto: Cuidado Católico Internacional para Crianças (CCCI). Este esforço liderado pelas Irmãs ajudará os institutos religiosos, especialmente aqueles que têm o carisma de cuidar de crianças, a proporcionar a maior qualidade possível de cuidados aos menores. O seu objetivo é ver cada criança crescer num ambiente seguro e amoroso, numa família ou num ambiente familiar.
O projeto foi lançado no dia 2 de outubro de 2020 com uma apresentação online aos membros da UISG, à imprensa e às organizações parceiras.
*Visão do CCCI:* Cria rum mundo no qual cada criança possa crescer numa família segura e amorosa ou numa comunidade que a ampare.
*Missão do CCCI:* Ajudar os Institutos religiosos que tem como carisma o cuidado de crianças a ler os sinais dos tempos e garantir uma melhor assistência possível às crianças e a pessoas vulneráveis, em especial: *reduzir a utilização da assistência institucional e encorajar a assistência familiar e comunitária às crianças.*
Pode-se ler mais sobre este projeto, em inglês, através do link: https://bit.ly/3huw9M0

### *Tempo da Criação 2020: Jubileu da Terra*

A campanha da UISG sobre a Laudato *Si'*, *Semear esperança par o Planeta, aderiu ao Tempo da Criação de 1º de setembro a* 4 de outubro de 2020.
As diversas Constelações da UISG puderam compartilhar seu empenho em prol de uma ecologia integral e implementação da Laudato *Si'*.
A campanha, na pessoa da Irmã Sheila Kinsey, coordenadora, contribui para o caminho que o *Departamento para o Desenvolvimento Humano Integral* está levando adiante para viver em todos os níveis e em todos os aspectos de nossa vida a Encíclica Verde do Papa Francisco.
Para obter maior informação e fazer o download do material: https://www.sowinghopefortheplanet.org

# PESSOAL DA UISG

| | | |
|---|---|---|
| *SECRETARIADO* | **Ir. Patricia Murray, ibvm**<br>*Secretária Executiva* | *segretaria.esecutiva@uisg.org*<br>06 684002 36 |
| | **Rosalia Armillotta**<br>*Assistente da Secretária Executiva* | *ufficio.segreteria@uisg.org*<br>06 684002 38 |
| *FINANÇAS* | **Aileen Montojo**<br>*Administradora de Finanças* | *economato@uisg.org*<br>0668.400.212 |
| | **Sr. Sunitha Luscious, zsc**<br>*Assistente Administradora de Finanças* | |
| | **Patrizia Balzerani**<br>*Secretária Membership* | *assistente.economato@uisg.org*<br>06 684002 49 |
| *COMUNICAÇÃO* | **Patrizia Morgante**<br>*Responsável de Comunicação* | *comunicazione@uisg.org*<br>06 684002 34 |
| | **Sr. Thérèse Raad, sdc**<br>*Escritório de Comunicação (Voluntária)* | *comunicazione@uisg.org*<br>0668.400.233 |
| | **Antonietta Rauti**<br>*Coordinadora de Boletim UISG* | *bollettino@uisg.org*<br>06 684002 30 |
| *SERVIÇOS* | **Bianca Pandolfi**<br>*UISG Information Office* | *info@uisg.org* |
| | **Svetlana Antonova**<br>*Assistente Técnica Serviços Gerais* | *assis.tec@uisg.org*<br>0668.400.250 |
| *PROJECTOS* | **Ir. Florence de la Villeon, rscj**<br>*Projecto Migrantes* | *rete.migranti@uisg.org*<br>06 68400.231 |
| | **Ir. Gabriella Bottani, smc**<br>*Coordinadora "Talitha Kum"* | *coordinator@talithakum.info*<br>06 684002 35 |
| | **Marilde Iannotta**<br>*Talitha Kum Secretariat* | *secretariat@talithakum.info*<br>0668.400.232 |
| | **Sr. Mayra Cuellar, mb**<br>*Talitha Kum Database* | |
| | **Sr. Mary Niluka Perera, sgs**<br>*Catholic Care for Children International* | *ccc@uisg.org*<br>0668.400.225 |
| | **Claudia Giampietro**<br>*Office for Care and Protection* | *safeguarding@uisg.org*<br>0668.400.225 |
| | **Sr. M. Cynthia Reyes, sra**<br>*Programa Formação UISG* | *formators.programme@uisg.org*<br>0668.400.227 |
| | **Conselho de Canonistas** | *canoniste@uisg.org* |